

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO**

**LAURA DOS SANTOS GOULART**

**(SER)CENÁRIO: REDESCOBRINDO A CIDADE**

**CRICIÚMA**

**2017**

**LAURA DOS SANTOS GOULART**

**(SER)CENÁRIO: REDESCOBRINDO A CIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharela no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Feldhaus

**CRICIÚMA**

**2017**

**LAURA DOS SANTOS GOULART**

**(SER)CENÁRIO: REDESCOBRINDO A CIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharela, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens.

Criciúma, 21 de junho de 2017 - (19h)

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Marcelo Feldhaus – Mestre em Educação - (UNESC) - Orientador

Prof. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato – Doutora em Ciências da Linguagem  
(UNISUL)

Prof. Dra. Viviane Kraieski de Assunção – Doutora em Antropologia - (UFSC)

Dedico esta pesquisa à minha prima/irmã  
Laíz Maciel (in memoriam).

## **AGRADECIMENTOS**

A minha mãe Lenice Goulart, meu pai Neivaldo Goulart e a minha irmã Jeanine Goulart, por sempre acreditarem em mim, me incentivarem a olhar para frente e continuar independente dos obstáculos.

A minha madrinha Maíza Maciel e minha prima Érica Maciel, por me ajudarem desde o início, ao entrar na faculdade e permanecer nela.

Aos meus colegas de casa, nestes últimos anos de universidade, Marina Lange, Raissa Freitas e Misael Souza, os quais vivem e convivem comigo. Tenho-os como minha segunda família, companheiros que sempre entenderam minhas ausências e ouviram minhas reclamações, me salvando diversas vezes da monotonia e dos problemas que tive no percurso.

Aos amigos Camila Fernandes, Ricardo Correa, Tiago Fernandes, Maicon Montovani, Priscilla Reinert (Popo), Vinicius Lima, Ana Paula Luz, Ana Z Santana e Rorian Freitas, por participarem da minha vida e ouvirem minhas reclamações, angústias e anseios que tive no decorrer da pesquisa. Ajudaram-me de diversas formas, ouvindo, abraçando, aconselhando, me distraíndo e ajudando diretamente na produção. Em especial ao Rorian, por ter disponibilizado seu tempo e sua casa para que a minha produção artística pudesse enfim ser concretizada.

Ao meu orientador Marcelo Feldhaus, no qual me espelho como profissional e pessoa, por ter aceitado o desafio de me orientar e ter disponibilizado de tempo e paciência, mostrando-me um caminho e por nunca me silenciar.

Aos meus professores e colegas de curso, pelas diversas trocas que tivemos no decorrer da minha vida acadêmica. Em especial ao meu professor Jeferson que me emprestou seu projetor, sem hesitar, e o deixou comigo no período da pesquisa. Sem ele não conseguiria fazer a projeção em boa qualidade e com tantas tentativas.

A minha banca examinadora, professoras Aurélia Regina Honorato e Viviane Kraieski de Assunção por terem aceitado meu convite e disponibilizado de tempo para contribuir com minha pesquisa.

Por último e não menos importante, a minha falecida prima Laíz Maciel, na qual agradeço e dedico minha pesquisa. Ela que foi um dos principais motivos da minha escolha pelo Curso de Artes Visuais e pelo início da poética da minha pesquisa. Sei que de alguma forma, mesmo in memoriam, participa da minha vida

diariamente.

A todo vocês, os meu mais sincero e amoroso obrigada! Amo todos!

Quando vamos ser uma cidade sem fios?  
Que gênios esconderam o rio com prédios  
e o céu com cabos?  
Tantos quilômetros de cabos  
servem para nos unir  
ou para nos manter afastados,  
cada um no seu lugar?  
(MEDIANERAS, 2011)

## RESUMO

A presente pesquisa acontece a partir da questão: como meu corpo sujeito pode ser integrado ao espaço/cenário urbano como arte? Vincula-se à linha de pesquisa de Processos e Poéticas: Linguagens do Curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Caracteriza-se como uma pesquisa cartográfica, na qual se baseia no conceito de rizoma criado por Deleuze e Guattari (1975), onde o caminhar da pesquisa encontra deslizamentos, cria e (re)cria percursos, sem uma ideia linear, dura, vertical, mas sim numa perspectiva horizontal com muitos pontos de bifurcação. Com isso, crio um rizomas que mapeiam o decorrer das minhas investigações que giram em torno da cidade, do corpo e da fotografia. Esses conceitos se confluem na medida em que vou tentando decifrá-los. Cria-se diálogos poéticos com alguns autores promovendo ressonâncias e dissonâncias na tentativa de exprimi-los na produção final que une texto e produção artística. Autores como Rolnik (2004) para falar sobre a cidade e sua construção social, Peixoto (2004) que escreve sobre a paisagem das cidades e o papel da fotografia na arte contemporânea, Bachelard (2000) para falar sobre a poética do espaço. Além deles encontro diálogo com as pesquisas de Marzano-Parisoli (2004) quando aborda as questões do corpo e das regras impostas pela sociedade. Para dialogar sobre minha produção artística, amparo-me nos escritos de Salles (2009) e das artistas Francesca Woodman e Lela Martorano para dialogar sobre a estética e técnicas presentes na produção artística. Autores estes que, muitas vezes, são dispersos uns dos outros, mas que na minha pesquisa criam um emaranhado de ideias que se unem para achar o ponto crucial que une a cidade e o corpo, na tentativa de fazer com que o sujeito habite e seja o espaço por completo. Por fim, a produção final torna-se um híbrido de conceitos, ideias e técnicas para falar o modo como a cidade e sua acelerada urbanização influenciam diretamente nas nossas vidas, nos nossos corpos e na construção da memória de uma sociedade.

**Palavras-chave:** Corpo. Cidade. Cenário. Foto performance. Arte Contemporânea.



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Desfigurar – Laura Goulart.....	13
Imagem 2 - Nova Perspectiva - não é o prédio que tá caindo - Laura Goulart.....	14
Imagem 3 - S/ título, 2013 - Laura Goulart.....	15
Imagem 4 - S/ título, 2015 - Laura Goulart.....	17
Imagem 5 - Mapeamento nº 1, Mapa de Torres/RS.....	21
Imagem 6 - Mapeamento nº 2, Mapa de Torres e fotografia dos locais escolhidos...	22
Imagem 7 - Mapa cartográfico.....	23
Imagem 8 - Visão de frente do CNEC.....	32
Imagem 9 - Visão dentro do CNEC.....	32
Imagem 10 - Visão lateral do CNEC.....	33
Imagem 11 - Bar Bulldog.....	34
Imagem 12 - Bar Bulldog.....	34
Imagem 13 - Bar da Praia da Cal.....	35
Imagem 14 - Casa abandonada na Praia da Cal.....	35
Imagem 15 - Casa abandonada na Praia da Cal.....	36
Imagem 16 - Casa do Bosque.....	37
Imagem 17 - Casa do Bosque.....	37
Imagem 18 - Restaurante da Guarita.....	38
Imagem 19 - Prédio na rua mais antiga de Torres.....	39
Imagem 20 - Departamento da prefeitura.....	40
Imagem 21 - Escola de Jiu-jitsu.....	41
Imagem 22 - Sopa e Arte.....	41
Imagem 23 - <i>S/ Título</i> , 1976. Francesca Woodman.....	49
Imagem 24 - <i>Sou/lugar</i> , 2016. Laura Goulart.....	50
Imagem 25 - <i>Seres</i> , 2016. Laura Goulart.....	51
Imagem 26 - <i>Mar de Dentro</i> , 2012. Lela Martorano.....	52
Imagem 27 - <i>Da memória e seus lapsos</i> , 2000. Lela Martorano.....	53
Imagem 28 - <i>Série Lanterna Mágica</i> , 2002. Rosangela Rennó.....	54
Imagem 29 - <i>Projeta-me</i> , 2016. Laura Goulart.....	55
Imagem 30 - <i>Projeta-me</i> , 2016. Laura Goulart.....	56
Imagem 31 – <i>Urbanização Sufocante</i> , 2016. Laura Goulart.....	57
Imagem 32 - S/ título, 2016. Laura Goulart.....	63

Imagem 33 - S/ título, 2016. Laura Goulart.....	63
Imagem 34 - S/ título, 2017. Laura Goulart.....	64
Imagem 35 - S/ título, 2017. Laura Goulart.....	65
Imagem 36 - S/ título, 2017. Laura Goulart.....	65
Imagem 37 - S/ título, 2017. Laura Goulart.....	66
Imagem 38 - Vista do sétimo espaço a partir da casa do Rorian.....	68
Imagem 39 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart.....	69
Imagem 40 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart.....	69
Imagem 41 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart.....	70
Imagem 42 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart.....	70
Imagem 43 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart.....	71
Imagem 44 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart.....	72
Imagem 45 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart.....	72
Imagem 46 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart.....	73
Imagem 47 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart.....	74
Imagem 48 - Registro da produção final exposta na Coletiva de Trabalhos de Conclusão de Curso.....	77
Imagem 49 - Registro da produção final exposta na Coletiva de Trabalhos de Conclusão de Curso.....	77

## SUMÁRIO

1 (SER)CENÁRIO 01: UM CAMINHO FORMATIVO SE APRESENTA .....	12
2 (SER)CENÁRIO 02: A CARTOGRAFIA DA PESQUISA .....	20
3 (SER)CENÁRIO 03: ESPAÇOS E LUGARES DE MEMÓRIA: A CENA URBANA DE TORRES/RS – DIÁLOGOS ARTÍSTICOS.....	29
4 (SER)CENÁRIO 04: EU-CORPO-CIDADE-CORPO .....	44
5 (SER)CENÁRIO 05: DESDOBRAMENTOS, JUSTAPOSIÇÕES E DEFORMAÇÕES DO PROCESSO CRIATIVO .....	59
6 (SER)CENÁRIO 06: REFLEXÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	80

## 1 (SER)CENÁRIO 01: UM CAMINHO FORMATIVO SE APRESENTA

É uma cidade superpovoada num país deserto.  
Uma cidade onde se erguem milhares e milhares  
de prédios sem nenhum critério.  
Ao lado de um muito alto,  
tem um muito baixo.  
Ao lado de um racionalista,  
tem um irracional.  
Ao lado de um em estilo francês,  
tem um sem estilo.  
(MEDIANERAS, 2011)

Em todo meu processo de formação durante o Curso de Artes Visuais – Bacharelado, algo sempre esteve comigo, além da fotografia: o meu desejo em retratar cidades, sua acelerada urbanização, seu cotidiano congestionado e o afastamento do ser humano com a natureza. Pude perceber, depois de muito tempo, que eu já trazia esses assuntos em fotografias antigas produzidas, saía pela cidade onde morava, Torres/RS, e fotografava o que via, o que me chamava atenção: as pessoas pela cidade, os animais, a natureza, a praia, o mar, os meus reflexos em tudo o que me via refletida, assim como os prédios e a crescente verticalidade das cidades.

Na maioria das aulas (graduação) que tinha como atividade a produção artística, sempre trazia o assunto "cidade" à tona. Desenhava prédios em cima de árvores, árvores que viravam prédios, prédios pela metade, pegando fogo, um sobrepondo outro, sempre contemplando a temática: os prédios e a deformação da natureza. Nesse sentido, trago a fotografia que fiz em 2013, intitulada "Desfigurar", (imagem 1), em que apresento o reflexo de um prédio na Lagoa do Violão, em Torres/RS, deformado pelo movimento da água.

*Imagem 1 - Desfigurar, 2014. Laura Goulart*



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ficava a me questionar a respeito de como esses prédios deformam a natureza do local, quantas árvores foram cortadas para dar espaço a esses lugares onde as pessoas moram umas em cima das outras. São muros sobre muros, casas sobre casas, prédios sobre prédios, e isso só vai crescendo, verticalizando, deixando o ser humano cada vez mais preso dentro de estruturas feitas com cimento e mais distantes do outro e da natureza.

Seguindo essa ideia, retomo a fotografia realizada em 2014 (imagem 2). Nesta produção, iniciei um estudo de mudança na fotografia, na qual ao tirar uma fotografia panorâmica, mexia na câmera no momento do disparo. A fotografia panorâmica é utilizada para fotografar áreas retas inteiras, sendo muito difícil de deformá-la, como fiz na foto, pois a câmera recebe como um erro. No momento do disparo, mexi na câmera, dando a impressão que a linha do horizonte estava torta, deformando o prédio retratado, nascia aí em minha produção artística a ideia de um novo olhar para o que vemos todos os dias e acaba passando despercebido.

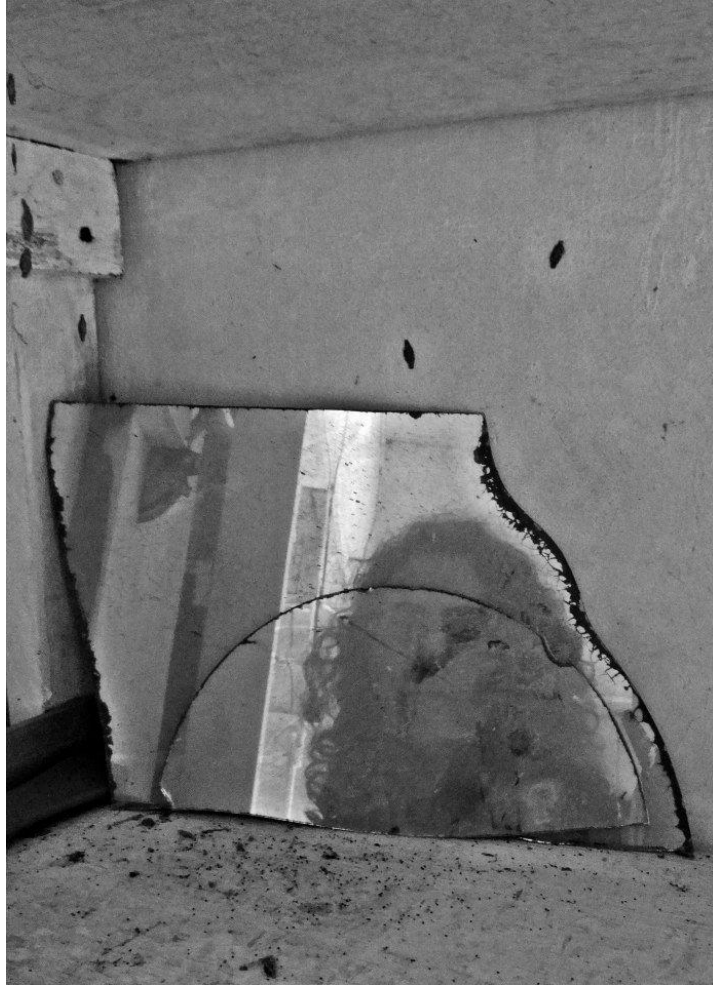
*Imagem 2 - Nova Perspectiva - Não é o Prédio que tá caindo, 2014. Laura Goulart.*



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ao pesquisar mais sobre minha produção, percebo que os reflexos sempre me instigaram desde muito tempo. Não são simples reflexos, são reflexos nos quais eu me vejo. Muitas vezes me olho e não me reconheço, pois estes reflexos também me deformam, de certo modo, dependendo do material em que sou refletida. Quando percebi o meu gosto por autorretratos e reflexos, comecei a pesquisar mais sobre o assunto e também a olhar novamente minhas fotografias, onde, por ventura, encontro a imagem abaixo (imagem 3), na qual, além de me remeter a muitas lembranças – pois tirei a foto no sítio dos meus avós, onde passei minha infância - traz exatamente esse autorretrato deformado que mencionei.

*Imagem 3 - S/ título, 2013. Laura Goulart.*



Fonte: Acervo da pesquisadora.

No dia em que fiz essa fotografia, fui com a minha família até o local, para ver em que estado se encontrava. A casa localiza-se no Porto Fagundes, uma vila de Torres, lugar onde minha avó criou seus filhos, muito especial na história da minha família. Casa natal de minha mãe e que foi abandonada ao longo das gerações. Nessa direção encontro reflexões nas escritas de Bachelard:

(...) se votarmos à velha casa depois de décadas de odisséia, ficaremos muitos surpresos de que os gestos mais delicados, os gestos iniciais, subitamente estejam vivos, ainda perfeitos. Em suma, a casa natal gravou em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. (2000, p. 34)

Tínhamos o hábito de visitar a casa natal, conforme destaca Bachelard, com certa frequência. As memórias mantinham-se vivas nos objetos da arquitetura. Há algum tempo não a visitamos mais. Em uma das últimas visitas, percebi em

minha mãe sua angústia ao entrar naquele espaço e se deparar com o estado em que estava sem poder fazer nada para mudar. Aquele lugar que foi palco para tantas histórias de sua vida, hoje se encontra com restos e rastros deixados pelo caminho.

Aos poucos, começo a me questionar em como um local desse, tão importante para a história da minha família, foi simplesmente deixado de lado, abandonado. Para onde vão as memórias obtidas naquele local? Elas são lembradas de alguma forma ou ficam vagando naquele espaço onde hoje se encontra uma casa quase sem estrutura para receber algum sujeito? De que forma o espaço interfere na lembrança das pessoas?

Havia ainda muitos objetos no local, que eram da minha família e que remetiam a muitas memórias, são pedaços do cotidiano que acontecia anteriormente naquele local, o espelho foi o primeiro objeto que percebi. Olho para esta fotografia e me vejo no reflexo, mas ao mesmo tempo vejo minha mãe, minha avó, minha irmã e alguém que nunca vi antes. Muitas vezes não me reconheço nela, às vezes não só na fotografia, mas na realidade também, diversas vezes passo pelo questionamento: quem sou eu? Essa "aqui e agora" sou eu mesma ou uma tentativa de ser alguém?

Na aula de Performance e Intervenção, da 5ª fase do curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), fui mobilizada pelas leituras e debates a desenvolver uma atenção muito maior para o meu "eu".<sup>1</sup> Em cada aula, um novo "eu" era (re)encontrado. Fazíamos diversos exercícios que nos estimulavam a pensar sobre a nossa identidade e as diversas "personas" que criamos no decorrer da nossa vida. Foi aí que assuntos sobre o corpo na arte começaram a me interessar muito, tanto o meu quanto o de outras pessoas, geralmente mulheres, nuas. Matesco (2009) destaca que: "A sexualidade dos corpos, sobretudo do corpo feminino, no entanto, sempre foi um problema para o nu. Mesmo em sua origem grega, a nudez masculina e a feminina não tinham o mesmo estatuto" (p.24, 25).

Esse "*sexo frágil*", de fácil manipulação, inferior na visão de muitos homens. Corpo censurado, envolto em tabus que causam espanto e polêmica. Que corpo é esse?

Ainda não sabia exatamente a qual corpo eu me referia e de como eu gostaria de trabalhá-lo em minhas produções. Mas a partir de alguns autorretratos,

---

<sup>1</sup> Todas as palavras ou termos grifados em itálico e entre aspas presentes nesta pesquisa referem-se aos destaques para as várias interpretações possíveis a partir de sua leitura.



percebi que gostaria de falar um pouco sobre o meu corpo, por inteiro. O meu corpo no espaço, num lugar, na cidade. Após alguns estudos, produzo meu primeiro autorretrato seminu (imagem 4).

*Imagem 4 - S/ título, 2015. Laura Goulart.*



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A partir daí comecei a me questionar sobre esse corpo, que cada um olha de uma forma diferente: compaixão, desejo, intimidade, raiva, aversão etc. Ao publicar essa fotografia em um site, tive que me deparar com as críticas e comentários de conhecidos, principalmente família; a maioria não aprovava esse tipo de fotografia. E isso foi me deixando com mais vontade de realizá-las, fotografias do meu corpo: despido, descortinado. Não só despido das roupas, mas das histórias, das memórias, da saudade, das *personas* criadas. Um corpo como qualquer outro, em seu estado natural, sem nenhum prédio interferindo nele ou destruindo-o.

E o movimento desse corpo despido pode ser comparado ao movimento desenfreado das cidades? Talvez não, ou talvez só na essência do mover-se.

Dessa forma proponho a minha pesquisa trazendo o meu corpo como ocupação na cidade, esse corpo que encontra na cidade a sua morada. Qual a relação que ambos tem? Pergunto-me como posso perceber essa relação e interferir nela. Trazer a paisagem da cidade e do corpo juntos, uni-los e torná-los um só,

corpo e ambiente. Da mesma forma, trago questionamento a respeito da fotografia, em que a mesma se iniciou num processo de retrato perfeito do ser humano, qual a intenção dela hoje em dia? Como fazer para que o objeto principal não seja apenas o ser e sim o espaço por completo? Com isso vou desdobrando a pesquisa em diversas etapas na busca de encontrar as respostas que me rodeiam e me instigam a pesquisar cada vez mais sobre esses assuntos: corpo, cidade, ocupação e fotografia. Proponho então como problematização da pesquisa investigar como meu corpo sujeito pode ser integrado ao espaço/cenário urbano como arte?

As questões que se desdobram do problema são: o que o corpo e a cidade têm em comum? Onde ambos se encontram e se dispersam? Como transformá-los em um ser/objeto único? Há a possibilidade de o corpo deixar de ser o sujeito principal da fotografia e passar a participar do cenário como um todo? Qual a relação do espaço com o corpo que já vivenciou o lugar, hoje abandonado? Como (re)habitar os espaços abandonados da cidade, trazendo vida a eles?

A cidade, a destruição da natureza, o autorretrato, a memória, a saudade, o movimento, o não se conhecer totalmente, o ato de permitir observar-se, analisar-se, olhar-se com outro olhar; todas essas indagações vêm à tona em minha produção.

A pesquisa inicia-se então na escolha por ser livre. No primeiro capítulo **(Ser) Cenário 02: A cartografia da pesquisa**<sup>2</sup>, falo sobre como a pesquisa irá seguir, cartograficamente, sem regras impostas e lineares, num emaranhado de questões, respostas e novos desdobramentos.

No capítulo **(Ser) Cenário 03: Espaços e lugares de memória: a cena urbana de Torres/RS – Diálogos artísticos**<sup>3</sup>, apresento e discuto questões que versam sobre a cidade e seu cotidiano acelerado percebendo a sociedade e como ela vê a sua história. Para isso, faço mapeamentos de locais abandonados da cidade de Torres/RS na tentativa de encontrar os motivos pelos quais esses espaços encontram-se dessa forma. Com isso vou analisando e trazendo conceitos para tentar entender como e por que a cidade contemporânea acaba por ver seus espaços como cada vez mais descartáveis.

---

<sup>2</sup> Grifo meu

<sup>3</sup> Grifo meu

Seguindo o corpo e sua movimentação constante, trago no terceiro capítulo **(Ser) Cenário 4: Eu – corpo – cidade – corpo**<sup>4</sup>, temas que relacionam o corpo e a cidade, para tentar encontrar os pontos que os unem. A escrita do capítulo destaca que essa pesquisa se dá pela experiência e por isso utilizo do meu próprio corpo como parte do objeto de arte. Abordo questões sobre corpo, sexualidade feminina e regras condicionadas pela sociedade. Aqui corpo e cidade são termos cada vez mais semelhantes.

Por fim, o último capítulo, **(Ser) Cenário 05: Desdobramentos, justaposições e deformações do processo criativo**<sup>5</sup>, traz os desdobramentos da pesquisa até a produção artística final, ou melhor dizendo, o registro da produção desdobrado em um novo suporte que apropria-se do lambe-lambe. A produção exposta na Coletiva de Trabalho de Conclusão de Curso (2017), apresenta os obstáculos e resultados que aconteceram no decorrer dessa pesquisa, e nas diferentes experiências que utilizei da projeção para construir e (re)construir cenários de corpo-cidade. Discuto como foi o processo para o corpo (ser) habitar e se tornar o espaço (cenário).

Como uma pesquisa cartográfica, o trabalho se une e se encontra com vários pontos de partidas e chegadas. Meu corpo foi a pesquisa e a cidade, a cidade moldou-se e tomou forma na escrita cinza e rude que a pesquisa seguiu. Corpo e cidade se fundiram.

---

<sup>4</sup> Grifo meu

<sup>5</sup> Grifo meu

## 2 (SER)CENÁRIO 02: A CARTOGRAFIA DA PESQUISA

Provavelmente essas irregularidades  
nos refletem perfeitamente.  
Irregularidades estéticas e éticas.  
(MEDIANERAS, 2011)

A presente pesquisa insere-se na linha: processos e poéticas: linguagens, concepções teóricas e processos de criação contemplando as linguagens artísticas. Arte, linguagens e contextos dos fenômenos visuais prevista no Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais Bacharelado<sup>6</sup>.

Faço a escolha metodológica mergulhando nos estudos da cartografia, uma vez que

Encontramos na cartografia, um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (Deleuze e Guattari, 1995; Guattari, 1986), um caminho que nos ajuda no estudo da subjetividade dadas algumas de suas características. Em primeiro lugar, a cartografia não comparece como um método pronto, embora possamos encontrar pistas para praticá-lo. Falamos em praticar a cartografia e não em aplicar a cartografia, pois não se trata de um método baseado em regras gerais que servem para casos particulares. A cartografia é um procedimento *ad hoc*, a ser construído caso a caso [...]. (PASSOS E BARROS, 2015, p.76)

Portanto, este Trabalho de Conclusão de Curso não seguirá uma linha linear de pensamento, ele vai se criando e (re)criando no decorrer da pesquisa e das ações realizadas, seguindo um objetivo, mas sabendo que este pode variar e ser alterado no meio do percurso. A cartografia é um método em que a pesquisa vai sendo produzida no processo do conhecimento do espaço, do tema a ser pesquisado, da vontade de achar soluções. Inicia-se livre, deixando as certezas para trás e seguindo o caminho da pesquisa livremente, aberta aos acasos e desvios que podem aparecer. Como destaca Passos e Barros (2015, p.17).

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/42/2479/>







Nesta direção o objetivo geral da pesquisa - entendendo-o como a visão de um ângulo, sabendo que não haverá chegada, apenas multiplicações - é refletir sobre o corpo como constituinte do espaço, tornado corpo e o lugar como um só, sem separações, sem divisões. Investigar o papel da fotografia na produção artística contemporânea e assim indagar a respeito do sujeito como elemento principal do retrato fotográfico que se compõe e se constrói com o cenário da cidade. Corpo e lugar como movimentos híbridos e unos.

Peixoto em seu livro "Paisagens Urbanas" (2004, p.11) comenta que "as cidades são as paisagens contemporâneas". Assim, começo pensando sobre o fluxo constante das nossas vidas que dialoga com o fluxo da cidade, o movimento desenfreado de acontecimentos que geralmente passam despercebidos, o dia a dia que passa sem nem notarmos, os prédios que vão sendo construídos ao mesmo tempo em que a natureza é deixada de lado para dar espaço a eles. Aonde se encontra a essência do ser humano, da natureza, da cidade, do viver? São um emaranhado de coisas que sobrepomos umas em cima das outras sem nem percebermos. Ficamos perdidos no meio de tudo isso.

Vou pesquisando mais sobre fotografia, sua história e as técnicas que gostaria de utilizar. Encontro na longa exposição e na sobreposição de imagem, técnicas que sempre me fascinaram, e me aproprio delas para o escopo de minha produção. Acabo conhecendo alguns artistas que me instigam a realizar mais produções e tornam-se meus referenciais artísticos.

Pretendo, a partir da fotografia, compreendida aqui como projeção e sobreposição de imagens, redescobrir a cidade. Levando em conta que:

A construção da arte é construir imagens da cidade que sejam novas, passem a fazer parte da própria paisagem urbana. Quando parecíamos condenados a imagens uniformemente aceleradas e sem espessura, típicas da mídia atual, reinventar a localização e a permanência. Quando a fragmentação e o caos parecem avassaladores, defrontar-se com o desmedido das metrópoles como uma nova experiência de escalas, da distância e do tempo. Através dessas paisagens, redescobrir a cidade. (PEIXOTO, 2004. p.15)

Redesenhar, reinventar e desvendar a cidade contemporânea. Nesses tempos de caos, fluxos constantes de pessoas e informações, o que fica de paisagem na cidade? Onde está o papel e a potência da arte neste emaranhado de acontecimentos diários? E também, paralelo a isso, redescobrir o corpo, percebê-lo



como meu e também como pertencente de um todo muito além do que estamos habituados. Um ser que também tem um movimento constante, que recebe e fornece múltiplos pensamentos e sensações diferentes, um ser que muda a cada segundo.

Continuo pesquisando o corpo e autorretrato, realizando fotografias seminuas, onde estudo e compreendo mais sobre o meu próprio corpo. É interessante que, ao me retratar, cada fotografia é um novo conhecer-se, pois em cada uma eu encontro algo novo em mim mesma, na técnica que utilizo, em algo que saiu "errado" na fotografia, ou simplesmente no meu corpo. "O sujeito moderno é definido por sua própria representação: o corpo enquanto forma torna-se a morada do "eu" como um espelho de reconhecimento (MATESCO, 2009, p.31).

Na fotografia sinto que transcendendo, esse corpo fotografado é o meu, mas naquele momento ele se torna livre, não sinto mais ele como meu, de minha posse, e sim do momento, da fotografia somente. Pertencço àquele momento e parece que tudo em minha volta participa junto comigo "(...) o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens.". (SONTAG, 2004, p.13)

Ao mesmo tempo em que parece que ando em direções contrárias, que quero fazer de tudo, mas ao mesmo tempo nada, que o que faço não tem nenhuma ligação, também percebo que esses caminhos que vão em direções diferentes se encontram no meio do trajeto, de alguma forma que ainda não percebo, mas eles se encontram. Essa é a relação que minha pesquisa tem com a cartografia, pois se encontra em diversos caminhos diferentes, muitas vezes bem dispersos, mas que acabam se encontrando, sobrepondo ou complementando um ao outro. Pois a cartografia se dá pelo caminhar, pelo fazer da pesquisa, aos poucos, num criar e escrever juntos, sem regras. Acontece na experiência. Como destacam Deleuze e Guattari (1995, p.15) "qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo".

Por ser o local onde nasci e cenário de boa parte das minhas lembranças, escolho utilizar a cidade de Torres/RS como o espaço principal da minha pesquisa. Ao caminhar pelas ruas da cidade, percebo diversos prédios e partes da cidade que se encontram em abandono ou em descaso pela sociedade torrense. A estética de prédios largados, em depredação me fascina. Gosto de ver as marcas que o tempo e as pessoas deixam no local, riscos em paredes, desenhos, objetos

esquecidos/largados. A depredação do tempo na arquitetura, os novos seres que habitam o espaço abandonado pichando-o e deixando suas marcas no local. Aos poucos vou percebendo o quanto de história é abrigado em um único espaço, e começo a me questionar em como lugares que carregam tantas memórias são simplesmente deixados de lado, tornando-se invisíveis aos transeuntes que passam por ali diariamente.

O espaço torna-se inútil, mesmo sabendo que esse mesmo espaço abrigou diversas pessoas e ações diferentes. Foi importante na criação de histórias. Me ponho no lugar de famílias que já habitaram algumas casas que se encontram abandonadas... Como elas se sentem ao ver o local?

Segundo Gaston Bachelard (2000, p.25) "(...) a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam tesouros dos dias antigos". Muitas vezes o lugar nos faz retomar diversas lembranças. É voltando ao espaço onde passamos a infância que conseguimos nos lembrar de diversas histórias até então adormecidas no nosso subconsciente. Como lembrá-las se ao chegar no local ele não exista mais como antes? Encontrando-se quebrado, depredado, largado? As memórias, de alguma forma, acabam se encontrando assim também. Peixoto (2004, p.13) destaca que "esse cruzamento entre diferentes espaços e tempos, entre diversos suportes e tipos de imagem, é que constitui a paisagem das cidades."

De que forma eu posso trazer vida a esses locais novamente? São questões que vão norteando minha pesquisa e ajudando na sua construção. São respostas que tento construir na tentativa de entender o motivo pelo qual esses espaços são largados, desprezados pelas pessoas que habitavam aquele espaço até então. Rejeitados pela própria comunidade que o vê e finge que nada está acontecendo.

Esses locais são o retrato de uma sociedade descartável, que vê as coisas como simples objetos a serem jogados fora. Entendendo que a cidade é o espelho da sociedade, ela é:

[...] por excelência um espaço coletivo e, por isso, multicultural e participativo, mas, às vezes, nos esquecemos de que construímos esses espaços e de que pertencemos a eles. Entender a cidade como fórum da cidadania é considerar que seus habitantes, enquanto sujeitos históricos, têm direito à identidade, à memória, ao patrimônio, à pluralidade formadora

do ambiente urbano. Se não conseguimos perceber mudanças nos nossos "trajetos", quando uma casa é demolida, quando um prédio é construído, quando uma rua é alargada ou quando seu sentido é alterado, podemos considerar que não pertencemos a este espaço, que não nos reconhecemos nesta cidade. (ARAUJO et al, 2002, p.32)

Como se dá esse processo de abandono de um lar, de um comércio, de uma escola? E, principalmente, como trazer vida novamente a esses espaços? Pretendo retomá-los, senti-los e habitá-los. Trazer o meu corpo para participar desses espaços como um todo. Parar para ver e ouvir suas histórias, suas memórias cravadas nas paredes. Tentar criar novos laços nesses espaços.

Para que isso aconteça é necessário um primeiro estudo dos locais, mapeamento de cada espaço que encontro e sinto algo diferente. Sinto que preciso adentrá-los, entendê-los e resgatá-los.

Com isso, ativar as minhas memórias e criar novas. Trazer o meu corpo para habitar esses espaços e se sentir em casa. Pois entendo como casa o lugar que a pessoa se sente livre, aconchegada. Pois como diz Bachelard (2000, p. 24) a casa é nosso canto do mundo, é nosso primeiro universo.

Sentir-me e ser do espaço. Entregar-me para aquele lugar. E é nesse momento de conciliação entre meu corpo e o espaço que pretendo realizar minha produção. Com tudo isso acabo adquirindo mais conhecimento a respeito do meu corpo, da minha história e com isso descobrindo a relação que ele pode ter com a cidade.

No emaranhado disperso da vida cotidiana, afinal, procuramos o eu através do outro, rastreamos nossas histórias e abrimos nossos diários íntimos na tentativa de nos oferecer verdadeiramente para o mundo. É essa troca genuína de memórias e de sentidos que buscam os artistas contemporâneos. (CANTON, 2009, p.35)

É uma pesquisa com questionamento constante sobre o espaço - o prédio - e o corpo - o meu -, redescobrimo também a minha identidade. É na relação com a cidade, com o cotidiano, com a memória dos prédios abandonados e com as pessoas que passam pelo espaço que compreendo um pouco sobre o meu eu, altero e me encontro numa reconstrução constante da minha identidade, do meu corpo e das personas criadas por mim no decorrer da pesquisa. Pois como destaca Stuart Hall (2001, p.11):

(...) a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

Com isso, fui me transformando, reinventando e ao final da pesquisa, já tinha me tornado outra pessoa, com a mesma essência, mas, com outros pensamentos e experiências a respeito dos lugares habitados pelo meu corpo.

O que a cidade e o corpo têm em comum? Onde ambos se encontram e se dispersam? De que forma um retém o outro, unindo e transformando-os em um ser/objeto único?

É a partir dessas interrogativas que proponho o capítulo seguinte, identificando os corpos-cidade escolhidos para habitar e projetar meu corpo como experiência artística, articulados com conceitos sobre cidade, espaço, lugar e memória.

“Quem já não vivenciou a experiência de ver um espaço conhecido sumir embaixo de uma avenida ou viaduto?” (ROLNIK, 2004, p 63).

Com essa indagação vou indo em busca de espaços que me instigam e me fazem ter a necessidade de realizar uma pesquisa mais ao fundo. Parto então para a busca por lugares abandonados na cidade de Torres/RS conforme trata o capítulo seguinte.

### 3 (SER)CENÁRIO 03: ESPAÇOS E LUGARES DE MEMÓRIA: A CENA URBANA DE TORRES/RS – DIÁLOGOS ARTÍSTICOS

Esses prédios, que se sucedem sem logica  
demonstram total falta de planejamento.  
Exatamente assim é a nossa vida  
que construímos sem saber  
como queremos que fique  
(MEDIANERAS, 2011)

Parte da minha vida passei na cidade de Torres/RS<sup>8</sup> - nasci e cresci lá. Por isso sempre tive o pensamento artístico voltado a questionamentos sobre essa cidade. Quando iniciei meu processo na fotografia, procurava sempre registrar ângulos da cidade como já destacado na introdução desta pesquisa.

A cidade é bem antiga e ainda há algumas arquiteturas que persistem perante o tempo e - principalmente - o ser humano. Há diversas casas antigas que já foram destruídas para dar lugar a prédios novos no local. Eram casas que traziam uma grande e pesada história povoadas de memórias. História de quem teve por lá há muitos anos, quando Torres dava seus primeiros passos como cidade. Memórias e sentimentos de diversas famílias, que, com o tempo, se esvaziam do local e deixam-no de lado. Locais que receberam e acolheram os moradores que criaram suas vidas relacionando-se com estas construções erguidas por várias décadas. Canton comenta no seu livro Espaço e Lugar (2009, p.24) que esse esquecimento da sociedade pelo antigo se dá pelo:

[...] impulso modernista da busca desenfreada pelo novo, busca que construiu a arquitetura moderna, a arte abstrata, a poesia concreta, mas que também derrubou edifícios históricos e rastros simbólicos do passado na tentativa de apagar a memória, gradualmente ameaçada por uma quantidade meteórica de novidades e informações que nos levam cada vez mais a um estado de torpor, de semiamnésia.

Das construções antigas que não foram vendidas, e sim abandonadas e conseqüentemente depredadas. O que fazer com um lugar que acolheu diversas famílias e seus acontecimentos? Como olhar e se relacionar com a cidade sem conhecer a sua história? Como fica a memória desse local e conseqüentemente dessa sociedade? Costa (2014, p. 53) afirma que “vivemos uma necessidade em

---

<sup>8</sup> A cidade de Torres fica localizada no sul do Rio Grande do Sul e divisa com Santa Catarina, com 37 mil habitantes. É uma cidade turística conhecida por ser a mais bela praia gaúcha devido as suas praias e rochas. Mais informações: <http://www.torres.rs.gov.br/>.

relação à memória, como forma de proteção contra a obsolescência e o desaparecimento”.

Sempre fui muito de andar pela cidade com uma câmera fotografando os locais e ângulos que achava interessante. Meus amigos ficavam pela rua, tocando violão, bebendo vinho e caminhando pela cidade. Estas expedições solitárias pela cidade me permitiram construir um olhar sensível para ela. A perceber os locais abandonados que geralmente nos abrigavam (meus amigos e eu) em dias de chuva, cenários de diversos momentos da minha adolescência.

Fruto do agenciamento humano coletivo, a cidade é representação dos valores e da estrutura da sociedade, com a suma força e hierarquia ou equalização, de inclusão ou marginalização. É, assim, a dimensão primária da cultura especializada e a reprodução de modos de vivência e de relacionamentos. (PIRES, 2002, p 145)

Quantos corpos passaram por esses locais? Quantas vidas foram presenciadas, vividas nesses espaços? Como simplesmente uma casa é abandonada, deixada de lado? E através desse abandono, vira o espaço de outros transeuntes sem um local para se abrigar? Como a sociedade vê esse tipo de construção abandonada em sua cidade? Ou será que assim como foram abandonadas, são facilmente esquecidas e invisíveis aos olhos de quem passa por ali todos os dias?

Entendo que a cidade é um espaço indispensável para a formação da identidade do indivíduo e de seu coletivo, por isso:

Este é o risco que corremos quando julgamos o passado sempre inferior ao futuro e desconsideramos as vivências do presente. Desconsiderar a necessária convivência entre o antigo e o novo é negar a memória e a identidade cultural dos habitantes da cidade e, assim, exilar o cidadão do seu próprio meio. (ARAUJO et al., 2002, p. 32)

É por ter esse contato direto com a cidade e os seus espaços, que resolvi fazer esta pesquisa em Torres. Início minha pesquisa mapeando alguns locais abandonados que me instigam de alguma forma, seja pela sua arquitetura, sua história ou as memórias que tenho com algumas. Num primeiro momento, saí de bicicleta pela cidade e prestando atenção em cada ponto dela. Interessante que nessa expedição em busca de espaços, acabo desenvolvendo um novo olhar para a cidade em que já estou acostumada a ver. Um olhar de pesquisadora, de pessoa de fora que traz no seu olhar um pouco de apreensão pelo novo que está por vir.

Alguns locais eu já havia pensado pois já conhecia, outros acabei encontrando no pedalar pela cidade. Assim,

Dialogar com esse espaço é também compor uma tapeçaria sonora, visual e tátil, vislumbrando a diversidade idiossincrática de seus habitantes, sua arquitetura, sua sinalização, seus códigos cotidianos. Conversar com tudo isso é abraçar o caos e se emocionar com o estranhamento. (CANTON, 2009, p 22-23)

São locais que trago aqui para conhecimento e reflexão sobre os motivos que o fizeram ser encontrados dessa forma. Também acabo tendo um olhar para a cidade de Torres por completo, suas ruas, esquinas, arquiteturas novas e antigas, sua história cravada em cada espaço da cidade.

Em um primeiro momento, há um prédio que sempre me chamou muita atenção, por ser um espaço em que, enquanto vivo, recebeu diversas pessoas, inclusive minha família e eu. Trata-se de um prédio que já foi espaço para diversas escolas diferentes na cidade, onde minha mãe e minha irmã estudaram. Foi uma boate, uma colônia de férias, escolas e a única escola técnica que existiu na cidade. Sempre me incomodou muito, saber que um espaço tão bom, que carrega tantas lembranças, localizado em um local muito visitado, foi simplesmente abandonado e deixado no vazio. O prédio de que falo é o prédio que se encontra na subida do Morro do Farol. Sua última ocupação oficial foi com a Escola Técnica Cenequista (CNEC), em que, no meio de um período letivo, foi à falência e desocupada do dia para noite, deixando objetos, mobiliários, uma biblioteca inteira e salas de aula abandonadas, assim como documentos da própria escola e de seus alunos (imagens 8 e 9). Sempre me questioneei, como em um dia havia muita vida naquele espaço, diversas pessoas indo e vindo naquele local e de um dia para outro, o espaço tornou-se completamente vazio, sem ocupação nenhuma, fechado e abandonado.

No momento dessa pesquisa encontrei o espaço todo depredado, pichado e usado como um lugar para moradores de rua dormirem e se abrigarem. Por ser um local que tenho bastante conexão, resolvi iniciar meu trabalho que une corpo, cidade e seus cenários lá. Já fiz produções naquele espaço, e gostaria de explorá-lo mais, agora com novos desdobramentos cartográficos fruto de minha pesquisa de trabalho final no curso.

Imagem 8 - Visão de frente do CNEC



Fonte: arquivo da pesquisadora

Imagem 9 - Visão dentro do CNEC



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

O CNEC está localizado na Rua Alferes Ferreira Porto, S/n - Morro do Farol, Torres/RS (imagem 10). A partir dele, senti a necessidade de pesquisar mais espaços abandonados em Torres, saber sobre, vivenciá-los. Começo então, o mapeamento de alguns possíveis espaços que, de forma cartográfica, estariam conectados no território da pesquisa.



Imagem 10 - Visão lateral do CNEC.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O segundo deles, após o CNEC, foi o Bulldog – Molhes (imagens 11 e 12). Localizado na Av. Beira Mar, s/nº em Torres/RS, fica entre o Rio Mampituba e a Praia Grande. Este espaço foi um bar muito movimentado da cidade, onde eu, minha família e amigos frequentávamos bastante. Entrou em falência e foi abandonado há pouco tempo, cerca de dois anos. Hoje é a casa de alguns moradores de rua, que se apropriaram do local.

O Bulldog fica na ponta da Praia Grande, próximo ao Rio Mampituba, rio que divide os estados de Santa Catarina (onde moro atualmente - 2017) e Rio Grande Sul. Continuei minha expedição por lá, depois segui pelas praias e subi para o centro da cidade, sentindo cada espaço.

Imagem 11 - Bar Bulldog.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 12 - Bar Bulldog.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O terceiro cenário escolhido foi o Bar da Praia da Cal (imagem 13). Localizado no calçadão da Praia da Cal, 370 - Praia da Cal, Torres/RS.

O local já foi um bar, espaço de cultura, residência e está abandonado há muito tempo, em estado de depreação. É uma arquitetura muito antiga que me chama bastante atenção. É localizado bem na beira da Praia da Cal, onde o mar quase alcança. Lembro-me de ir a praia, na minha infância, e já me questionar por qual motivo um lugar tão bonito, de fácil acesso e localizado num espaço tão visitado encontrava-se naquele abandono.

Imagem 13 - Bar da Praia da Cal



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O quarto cenário é uma casa abandonada (imagem 14 e 15), localizada na Rua Bom Fim, 356 - Praia da Cal - Torres/RS. Trata-se de uma casa muito antiga, situada bem na beira da praia. Uma família morou lá por um tempo, pois a casa havia sido cedida pelo dono para a família se abrigar. Acontece que a casa estava entrando em ruínas iniciando assim uma briga na justiça, pois a família precisava e queria continuar morando ali e o dono queria a casa de volta. Atualmente somente estas e outras memórias fazem-se presentes nas ruínas da arquitetura.

Imagem 14 – Casa abandonada na Praia da Cal



Fonte: acervo da pesquisadora.



Imagem 15 - Casa abandonada na Praia da Cal



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Fico pensando os motivos pelos quais esses espaços foram abandonados dessa forma e no mapeamento cartográfico dessa pesquisa começo também a pesquisar a história dos locais, embora opte em não aprofundá-las em meu trabalho, evidenciando apenas os vestígios de memória e os cenários de corpos que formam em cada construção. A urbanização acelerada acaba fazendo com que estes espaços se tornem invisíveis aos olhos dos transeuntes que passam correndo, imersos ao seu cotidiano.

[...] ao contrário da cidade antiga, a metrópole contemporânea se estende ao infinito, não circunscreve nada senão sua potência devoradora de expansão e circulação. Ao contrário da cidade antiga, fechada e vigiada para defender-se de inimigos internos e externos, a cidade contemporânea se caracteriza pela velocidade da circulação. São fluxos de mercadorias, pessoas e capital em ritmo cada vez mais acelerado, rompendo barreiras, subjugando territórios. (ROLNIK, 2004, p 8-9)

O quinto cenário é a casa do Bosque, localizada na Rua Washington Luiz, 234, Centro - Torres/RS (imagens 16 e 17). Casa abandonada, onde há diversas memórias minhas neste cenário que abrigou eu e meus amigos incontáveis vezes. Ficávamos ali, no lado de fora, sentados conversando durante horas seguidas. É um lugar mais afastado e sem muitos vizinhos próximos, fica na subida de uma lomba em que, se continuar e subir algumas escadas, chega-se no Bosque de Torres, um local coberto de vegetações. Como nos abrigava, acaba também abrigando diversos grupos diferentes, sendo que um deles acabou pichando o local todo. Uma das escritas nos chamou bastante atenção: “*Casa do ‘estrupe’*”, o lugar acabou ficando

conhecido por mim e pelos meus amigos dessa forma.

Imagem 16 - Casa do Bosque.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 17 - Casa do Bosque.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O sexto cenário está localizado dentro do Parque Estadual José Lutzenberger, mais conhecido como Parque da Guarita (imagem 18).

O local era um antigo restaurante do parque que foi destruído pelo ciclone que ocorreu em 2006 e logo em seguida abandonado. Foi reconstruído pela prefeitura para abrigar um Museu de Ciências Naturais, porém até o momento da pesquisa ainda não habitado.

Imagem 18 - Restaurante da Guarita.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O sétimo espaço é o Prédio da rua mais antiga de Torres, localizado na Av. Alfieiro Zanardi, Centro - Torres/RS (imagem 19). Digo a rua mais antiga da cidade, pois foi o local onde iniciou-se a construção de Torres. Nesta rua é onde encontra-se a maior quantidade de casas antigas e históricas da cidade. O prédio foi abandonado antes mesmo de ser concluído.

Este é um local que eu, particularmente, gosto muito. Não por haver memórias nele, pelo contrário, por ser esse vazio imenso que se transforma num espaço até meio sombrio. Gosto da estética abandonada e depredada que ele possui. A partir de conversas com vizinhos, descobri que o prédio foi construído na década de 50 e foi abandonado quando sua construção estava quase finalizada por não se encaixar nas normas que regiam as construções de prédios na época, na cidade de Torres, se tornando ilegal para moradia, sendo assim, nunca habitado. Considero potente trazer um espaço assim na minha pesquisa, um lugar vazio, sem vida que se torna imerso por vida e lembranças que se desenham a partir de minhas proposições artísticas.

Imagem 19 - Prédio na rua mais antiga de Torres.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O oitavo cenário é o departamento da prefeitura, localizado na Av. Alfieiro Zanardi, Centro - Torres/RS. Em frente ao prédio anterior (imagem 20). Prédio onde funcionava um dos departamentos da Prefeitura Municipal, que mudou de lugar e deixou o local abandonado. As imagens 19, 20, 21 e 22 encontram-se bem próximas, na mesma rua que abriga o núcleo de expansão da cidade de Torres.



Imagem 20 - Departamento da prefeitura.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O outro cenário escolhido é a escola de *Jiu-Jitsu*, (imagem 21) localizado na Av. Alfieiro Zanardi, Centro - Torres/RS, ao lado do prédio da imagem anterior. Antiga escola onde funcionavam aulas de jiu-jitsu. Encontra-se em processo de demolição, para, provavelmente, construir algo novo no local. Já que, “nas cidades contemporâneas não há praticamente nenhum espaço que não seja investido pelo mercado (ou pela produção para o mercado).” (ROLNIK, 2004, p.29)

---



Imagem 21 - Escola de Jiu-jitsu



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O décimo e último cenário é o Sopa e Arte (imagem 22), localizado na Av. Alfieiro Zanardi, Centro - Torres/RS ao lado do primeiro prédio (imagem 16), antigo restaurante com uma estrutura muito antiga em que funcionava um espaço de comida e cultura, com apresentações musicais, etc., por isso o nome. Sua última ocupação foi este restaurante, que entrou em falência e o espaço foi abandonado.

Imagem 22 - Sopa e Arte



Fonte: Acervo da pesquisadora.

“O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis [...]. ” (BACHELARD, 2000, p. 29). Olhando estes espaços conseguimos decifrar um pouco sobre como é a comunidade torrense e como eles olham para a sua própria história

e cultura, pois “[...] as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. (ROLNIK, 2004, p.17) ” e conseqüentemente consegue-se traduzir o povo que os habita.

Pergunto-me como esses espaços, tão importantes para a história da cidade e seus indivíduos, encontram-se nesse estado de abandono.

As cidades brasileiras foram e infelizmente ainda têm sido palco de demolições do antigo para a construção do novo. A superestimação do valor de troca em detrimento do valor de uso imposta pelo mercado imobiliário capitalista é uma das maiores dificuldades enfrentadas pela preservação. (FÉRES, 2002, p 15)

Assim, quando não estão abandonados, os espaços antigos encontram-se em processo de destruição para a construção de prédios novos, reflexo de uma sociedade descartável que pensa primeiramente no lucro, inserindo diversas pessoas num mesmo metro quadrado para economizar espaços, sociedade que hoje se encaminha cada vez mais para uma cidade de concreto. Com isso, “as relações de moradia com o espaço tornam-se artificiais. Tudo é máquina e a vida íntima foge por todos os lados. ” (BACHELARD, 2000, p. 45).

Para abordar a cidade, o contemporâneo e o instantâneo, trarei fotografias projetadas em prédios abandonados na cidade, fotografia de um corpo – o meu corpo nu – pertencendo o lugar, esse lugar que já perdeu seu sentido. A princípio, os locais foram erguidos para receber pessoas para o habitarem, vivendo, muitas vezes, paralelamente a outras pessoas no mesmo local, e agora eles se encontram abandonados, deixados de lado, carregados de memórias que ora se evidenciam e ora se apagam e se perdem nos escombros.

Agora, um outro corpo irá habitá-los novamente, mesmo estando em ruínas. Trata-se de obter um novo olhar para o que vemos todos os dias, para o que se tornou invisível aos olhos imersos no cotidiano desenfreado. “Esse olhar colado às coisas mais ordinárias acaba revelando justamente aquilo que lhe transcende. ” (PEIXOTO, 2004, p 71)

O meu corpo chegará ali projetado, participando e sendo o espaço, recriando-o. Assim, já que a projeção durará alguns segundos, só restará o registro fotográfico, abordando também assuntos que dizem respeito às imagens –

paisagens - efêmeras, que duram um determinado tempo e depois se desfazem, relacionando isto com o cotidiano comum do ser humano.

Com isso trago também, um ser – objeto – participante como um todo do espaço, encaixando-se e sendo a parede - o cenário - por completo. Um ser(cenário).

#### 4 (SER)CENÁRIO 04: EU-CORPO-CIDADE-CORPO

Somos criadores da cultura do inquilino.  
 Os prédios, como muita coisa  
 pensada pelos homens  
 servem para diferenciar uns dos outros.  
 Existe a frente e existe o fundo.  
 Andares altos e baixos(...)  
 Vista e claridade são promessas que  
 poucas vezes se concretizam.  
 O que esperar de uma cidade que dá  
 as costas ao seu rio?  
 (MEDIANERAS, 2011)

Quando penso em minha produção artística enquanto pesquisa, é difícil pensar os conceitos que contemplo separados uns dos outros: eu, corpo e cidade unem-se a cada novo passo que a pesquisa avança. A cada devaneio poético, rascunho da produção, leituras ou apenas no refletir a respeito da pesquisa, ambos os conceitos, muitas vezes tão distantes, encontram-se e juntam-se de uma forma que acaba sendo difícil de separá-los novamente. Eu sou o corpo que habita a cidade, o meu corpo é a cidade, a cidade sou eu.

Inúmeras vezes me pego refletindo sobre o movimento constante da cidade, como ela se organiza, como ela vive independentemente de outros acontecimentos, pessoas ou tempo. A cidade está ali, estamos imersos a ela, não conseguimos sair e participamos dela como um todo. Foi uma criação do ser humano, para organizar uma sociedade que já vivia em conjunto, mas que, hoje, criou sua própria vida independente. “Fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza. ” (ROLNIK, 2004, p 7-8)

Para a escrita procuro me desfazer de todas as ideias e pensamentos que já tenho pré-concebidas sobre a cidade, o corpo, e seus meios. Desfaço-me de tudo o que já sei e do que penso. Entrego-me para a pesquisa e deixo que ela siga sozinha, caminhe independente de julgamentos meus e de outros. Sem modelos certos a seguir, sem regras, livre para ser o que estiver sendo. A pesquisa vai criando-se sozinha, e eu me recriando junto com ela de forma cartográfica. Isso me lembra o modo como o corpo e a cidade deveriam ser vistos, sem regras, sem precedentes, sem distinções e sem julgamentos. Só deixar serem o que forem. Livres para existirem e se tornarem, o que for para se tornarem.

Esse modo de ver a pesquisa e o mundo segue a ideia do corpo sem órgãos (CsO), conceito criado por Deleuze e Guattari e que contempla a ideia de recusar a organicidade das coisas, de que o organismo foi feito para funcionar de uma forma e não de outras. E questiona o porquê disso, por qual motivo tal órgão não pode funcionar como ele bem entender e quer naquele momento, tornando-se livre das regras impostas. “Percebemos pouco a pouco que o CsO não é de modo algum o contrário dos órgãos. Seus inimigos não são os órgãos. O inimigo é o organismo. O CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo”. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 21)

Essa pesquisa em arte segue a ideia do CsO, pois acontece na experiência, na vivacidade. Percorre caminhos e criam-se novos caminhos, sem passado nem futuro, só no presente deixando-se ser e seguir num caminho, sem princípios.

Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso. Ele não é espaço e bem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau - grau que corresponde às intensidades produzidas. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 13)

Como já citado no capítulo da introdução, meu interesse por questionar o corpo veio a partir de algumas aulas no curso de Artes Visuais Bacharelado, principalmente na disciplina de Performance e Intervenção<sup>9</sup>, na qual a professora nos fez criar um olhar mais atento para o nosso corpo, sentidos e sentimentos. Com isso, iniciei pesquisas sobre esse corpo e seu lugar na sociedade, mais especificamente o corpo feminino, o nu.

Sempre ouvi de outras pessoas o quanto o nu na arte<sup>10</sup> estava se tornando clichê, de fácil acesso, sem muito conteúdo. Pessoas criticando o fato de artistas usarem seu corpo como poética de trabalho e que isso já não interessava mais. Mas, ao mesmo tempo, comecei a perceber que muita gente ainda se sentia

<sup>9</sup> A disciplina de Performance e Intervenção apresenta como ementa: “Origens, conceitos e histórico da linguagem da performance; Processos vivenciais: corpo e espaço; Ampliações, prolongamentos, cruzamentos e desterritorializações da noção de Performance e Intervenção.” Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/42/8953/>, acesso em 27 de abril de 2017 às 20h15

<sup>10</sup> Faço a escolha de não me adentrar na história do nu na arte deste a antiguidade na tentativa de não me estender muito e por entender que meu trabalho não contempla só este assunto em específico e sim diversos outros como corpo, memória, cidade, abordados nesta pesquisa.

incomodada com o corpo ao natural e/ou com corpos fora de padrões. Essas mesmas pessoas que comentavam que o corpo na arte estava se tornando clichê, de alguma forma ainda se sentiam incomodadas com o fato de ter que ver esses corpos, mutilados, machucados, nus, inteiramente para a arte.

(...) a nudez sugere o estado de quem está desprovido de vestes e o correspondente embaraço dessa situação, o nu não projeta em nosso espírito a imagem de um corpo tolhido e indefeso, mas daquele equilibrado, desabrochado e seguro de si mesmo: o corpo "re-modelado" (MATESCO, 2009, p.26)

Talvez para quem esteja inserido nas artes (professores, acadêmicos, pesquisadores) pode estar um pouco cansado desse tema em algumas produções, mas ainda percebo um tabu muito grande para com o corpo, principalmente o corpo feminino. Sinto a necessidade de abordar esse assunto pois não consigo entender como algo tão natural, quanto o corpo nu, despido de tudo o que uma sociedade impõe, possa ser motivo de espanto ou aversão.

Como me referi na introdução, ao publicar uma imagem de uma de minhas produções (imagem 4) seminua tive que me deparar com diversos comentários críticos para com a minha fotografia. A realizei em um dia qualquer, em que estava pensando no meu corpo e tentando reconhecê-lo como não só meu, mas da natureza. Um corpo como outro qualquer. Tive que ouvir críticas a respeito de peitos caídos, barriga saliente e principalmente sobre o compartilhamento da foto – do meu corpo seminua – em uma rede social. Que corpo é esse que eu mesma não posso ter o total controle sobre ele? Que sociedade é essa que julga antes mesmo de saber os motivos que englobam o assunto por completo? E principalmente, de onde vêm esses padrões condicionados em nós dizendo como nosso corpo tem que ser e como devemos mostrá-lo? “[...] a imagem ideal do corpo que se procura em geral atingir muitas vezes não é nada mais do que a imagem cultural que supostamente devemos aceitar” (MARZANO-PARISOLI, 2004, p. 47).

Assim, iniciei pesquisas sobre artistas que utilizavam do seu próprio corpo em suas produções. Percebi que gostaria de falar sobre o meu corpo, desvendá-lo, reconhecê-lo. Notei que, para que eu conseguisse entender como funcionam essas críticas e ter um pensamento completo sobre como é estar no local de quem é criticado por utilizar do seu corpo em sua produção de arte, eu teria que sentir na

pele tudo isso, por isso a escolha por autorretratos. Só passando pela experiência para eu poder ter certeza de como é e, assim, passar adiante.

Deste modo, o ato de minha produção se transforma em uma experiência. Esta, segundo os dicionários, é algo que nos acontece, como se refere Larrosa (2002, p.27) “[...] a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece [...]”. De início já tive que ouvir críticas por querer me usar como sujeito em minhas produções. Ouvi de amigos que eu era egocêntrica, ou que queria aparecer. Com o decorrer de diversas pesquisas sobre o assunto, pude obter total certeza do que eu queria e como eu queria fazer isso. Comecei a perceber que todo o processo era uma questão de se autoconhecer primeiro, para depois poder conhecer o todo a minha volta. É uma questão de se aceitar, aceitar seu corpo, entendê-lo e saber do seu lugar no espaço. Percebê-lo não só como meu, mas como da natureza, como algo belo e natural e que infelizmente não o é por haver uma sociedade que impõe maneiras de pensar e de ser.

Como mulher, sei como é difícil o processo de liberdade do seu corpo, seja numa simples peça de roupa ou na auto aceitação de seu corpo como ele é – com rugas, estrias, gorduras – pois diariamente somos confrontadas com modelos certos a serem seguidos, modos de se portar com o sexo oposto, roupas certas a serem vestidas, dentre outros. Como comenta Marzano-Parisoli no livro *Pensar o Corpo* (2004, p. 30), é dia após dia que somos confrontados com opções difíceis e é na realidade da experiência que tomamos contato com a nossa corporeidade. Estamos imersos a tantas regras que é até difícil pensar em uma vida sem ter que seguir alguma norma; “[...] ser habitante de cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos. ” (ROLNIK, 2004, p 21)

Esse modelo ideal construído por uma sociedade patriarcal nos faz pensar que somos obrigadas a sermos perfeitas para sermos aceitas, “para obter sucesso e poder é o corpo que é preciso corrigir e aprumar, mudar e aperfeiçoar. (MARZANO-PARISOLI, 2004, p. 34) E que perfeição seria essa, se para mim, o belo é de um jeito que para o outro pode não ser? Essa perfeição que a sociedade tanto fala e impõe, nada mais é do que algo criado para padronizar uma sociedade e não haver pessoas fora de seus padrões, fazê-las seguirem uma regra e serem iguais, manipuladas, ser o que eles querem que sejam e não o que realmente o corpo e

alma querem e são, pois “[...] a imagem ideal do corpo que se procura em geral atingir muitas vezes não é nada mais do que a imagem cultural que supostamente devemos aceitar.” (MARZANO-PARISOLI, 2004, p.47)

Diariamente somos julgadas se quisermos sair fora dos padrões dessa sociedade que impõe modos de pensar e de agir, modos estes que não se encaixam no dia a dia de uma mulher. E para que ela consiga se libertar dessas amarras é necessário um processo lento e árduo, já que “o ideal, construído a fim de modelar a realidade e de transformá-la, acaba na destruição da realidade transformando o sonho proposto em pesadelo” (MARZANO-PARISOLI, 2004, p.63). Até as próprias mulheres acreditam que o ideal da beleza é o certo a ser seguido, acabam acreditando e repassando os mesmos pensamentos machistas a respeito de como a mulher deve ser e se comportar, são ensinamentos que recebemos desde criança, como comenta Marzano-Parisoli “é a partir da infância que as mulheres são convencidas de que a chave do sucesso está ligada à sua imagem física (2004, p. 41).

Na busca desse ir e vir da pesquisa, encontrei a artista Francesca Woodman. Ela foi uma fotógrafa norte-americana, nascida em 1958 suicidando-se em 1981, aos 22 anos. Ficou famosa pelos seus trabalhos em preto e branco, nos quais utilizava a própria imagem ou a de modelos femininos. A maioria das suas fotografias mostravam mulheres jovens, nuas, desfocadas devido às longas exposições, fundindo imagem e ambiente (imagem 23).



Imagem 23 - S/ Título, 1976. Francesca Woodman.



Fonte: <http://foto.espm.br/index.php/sem-categoria/o-legado-de-francesca-woodman/>

Tendo Francesca como referência, fiz uma fotografia em que segui o meu processo de não me reconhecer. Realizei a fotografia (imagem 24) sem foco para abordar a ideia de deformação, aproximando-me da poética de Francesca Woodman. Rostos de mulheres desfocados, destituídos de identidade são característicos na produção da artista, os quais também me aproprio em minha produção fotográfica. Nessa fotografia percebi que o espaço e eu participamos juntos da fotografia e ambos se complementaram. Ela foi produzida em um prédio abandonado, na cidade de Torres/RS, prédio este onde já realizei diversas pesquisas artísticas (imagem 5). Esta foi a primeira fotografia na qual me fotografo totalmente nua. Viviane Matesco (2009, p.12) fala que "o que o nu revela é que não há nada a revelar, ou melhor, que ele é somente a própria revelação, o revelador e o revelado ao mesmo tempo; é o gesto que desnuda". Percebo que sem as roupas, me torno ainda mais parte do ambiente, o meu corpo está ali sem nenhuma interferência, ou poderia dizer, imerso a todas as interferências.

Imagem 24 - *Sou/lugar*, 2016. Laura Goulart.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Começo a partir de então a realizar experiências com a fotografia. Continuo trazendo reflexões a respeito da identidade em um movimento de idas e vindas, cruzamentos, justaposições. Essa identidade que se modifica constantemente, que se perde no meio de tantos estereótipos criados pelos outros, altera a cada novo padrão imposto pela sociedade. Quem realmente somos? Quando tiramos as amarras, os conceitos, as ideias e as regras, o que resta?

Minha identidade encontra-se em muita movimentação, principalmente com esta pesquisa, onde me volto inteiramente para mim e meu corpo. Assim, produzo fotografias com a técnica da longa exposição, fazendo com que meu rosto fique difícil de ser reconhecido.

A exposição prolongada dá tempo para que a pessoa retratada encontre sua expressão diante da câmera. O retrato é, aqui, uma questão de tempo. A própria técnica leva o modelo a "viver não ao sabor do instante, mas dentro dele". Essas imagens davam o tempo que as coisas precisavam para se cristalizar, as pessoas "cresciam dentro da imagem". O oposto do instantâneo jornalístico, que decide sobre a fama do retratado. (PEIXOTO, 2004, p. 60)

A fotografia abaixo (imagem 25) traz a ideia das várias identidades que obtemos durante a vida, as várias personas que criamos no intuito de sermos aceitas, sem julgamento.

Imagem 25 – Seres, 2016. Laura Goulart.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Outra artista que dialoga com minha produção é a Daniela Martorano, conhecida artisticamente como "Lela Martorano". É uma artista brasileira nascida em São Joaquim, Santa Catarina. No site da artista<sup>11</sup>, diz que as obras dela são resultantes da exploração da imagem e sua projeção, e são construídas muitas vezes com a utilização de dispositivos analógicos, transitando entre a fotografia e a vídeo instalação. Martorano busca deslocar estas imagens de seu contexto cotidiano para o campo da arte e estabelece uma relação íntima com o espectador, remetendo a suas próprias lembranças, sonhos ou reminiscências.

Percebo uma grande afinidade com esta artista, pois, a mesma fala sobre imagem e apresentação e utiliza recursos analógicos. Eu me encontrava em uma constante busca de como expor as fotografias, como elas iriam para a galeria. Enquadrá-las já não me cabia mais. Quando vi as obras da Lela Martorano e suas projeções (imagem 26), me instigou muito a começar a experimentar essas projeções com as minhas fotografias. Para conhecimento, trago a série "Mar de dentro":

---

<sup>11</sup> Disponível em <https://lelamartorano.com/>.

Imagem 26 - *Mar de Dentro*, 2012. Lela Martorano.



Fonte: <http://fundacaoculturalbadesc.com/?p=387>

Nessa exposição ela projeta imagens do litoral catarinense da década de 70 sobre superfícies da cidade de Castro, local onde a artista fez uma residência artística. Meu encontro com ela se deu também pelo fato de que, além de trazer memórias e lembranças em suas fotografias, também traz o mar e a praia, algo que faz parte de minha vida, já que nasci e morei durante anos no litoral gaúcho. O mar e seu ritmo, som e movimento sempre chamaram a minha atenção.

Um segundo trabalho da Lela que me instigou foi o "Da memória e seus lapsos" (imagem 27). No qual as fotografias em preto e branco são reveladas com pincel, onde sofrem manipulação, deformações e interferência da pintura. Ela traz muito do que eu estudo e o que tem no meu processo: as cidades e sua deformação; a manipulação na revelação fotográfica, esse outro modo de expor a fotografia.

Imagem 27 - *Da memória e seus lapsos*, 2000. Lela Martorano.



Fonte: lelamartorano.com

Seguindo o mesmo fluxo de manipulação fotográfica, apresento a artista Rosangela Rennó, brasileira, nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1962. Ela também traz assuntos referentes a memórias e lembranças da sua infância. Uma das obras que mais me desperta interesse é a "Série Lanterna Mágica" (Imagem 28), em que ela também traz o processo de manipulação da imagem na revelação da fotografia.

Imagem 28 - *Série Lanterna Mágica*, 2002. Rosangela Rennó.



Fonte: <http://www.rosangelarenno.com.br/>

Rosangela faz suas fotografias dentro do laboratório e, durante o processo, as fotografias são expostas a uma luz intensa e pontual que afeta a reprodução do negativo, como se uma mancha consumisse a paisagem representada. A obra me chamou a atenção porque além da manipulação na imagem, a artista traz projeções luminosas para a exposição, as chamadas "lanternas mágicas", que revelam os detalhes das paisagens consumidas pela luz no laboratório fotográfico<sup>12</sup>.

Utilizando essas duas artistas como referência, e pensando no que diz respeito a autorretrato, cidade e projeção, fiz uma produção em que projetava imagens no meu corpo nu. Como o mar é uma parte da paisagem que mexe com

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.rosangelarenno.com.br/obras/about/55>.



muitos de meus sentidos, resolvi trazer, de início, o mar projetado no meu corpo (imagem 29). A produção é a fotografia apresentada desse momento. Assim, destaco novamente os questionamentos que me norteiam durante todo o meu processo de criação: a cidade e o corpo, o modo diferente de exibir uma fotografia e a deformação; pois a partir do momento que uma imagem é projetada no meu corpo, ele não é mais o mesmo, ele se transforma.

Imagem 29 - *Projeta-me*, 2016. Laura Goulart.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Utilizei uma fotografia antiga, uma das primeiras vezes que saí pela cidade fotografando o que me chamava atenção. É uma fotografia do mar, em um dia de revolta. Ao olhar a produção, ela me levou a (re)pensar em todo o meu processo novamente, e como vários conceitos que já citei antes estão nessa fotografia, mesmo que implicitamente.

Lela Martorano fala sobre a pintura com a luz, e é essa a sensação que essa fotografia traz, a imagem parece que foi pintada em meu corpo, são tons e contrastes que se juntam e formam uma pintura com luz que chega a parecer fazer

parte do meu corpo, e de alguma maneira faz. Também realizei outras fotografias, nas quais projeto prédios em meu corpo (imagem 30 e 31).

Imagem 30 - *Projeta-me*, 2016. Laura Goulart.



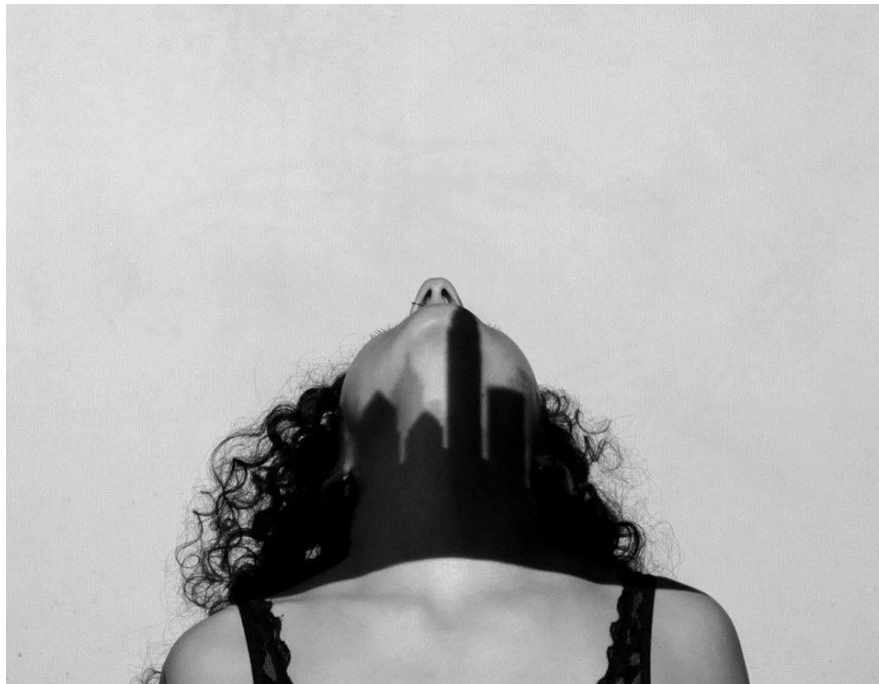
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Resolvi fazer essa fotografia nua com o intuito de continuar no processo de reconhecimento desse corpo ao natural, despido de tudo que poderia interferir nele, na projeção e na fotografia.

Esta última imagem intitulada *Urbanização Sufocante* (Imagem 31) que participa de da série “*Projetar-me*”, foi a que eu mais consegui me reconhecer. Pois consegui demonstrar, de alguma forma, como eu vejo a cidade e sua acelerada urbanização, que toma conta de nós de uma maneira tão rápida e rude que só percebemos quando paramos por um longo tempo e assim conseguir ter alguma visão voltada para nosso interior.



Imagem 31 – Urbanização Sufocante, 2016. Laura Goulart



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Foi a partir dessas fotografias que comecei a pensar minha produção para o trabalho de conclusão de curso. A fotografia, na história, surgiu para retratar pessoas e paisagens, de modo realista e instantâneo. Pretendo desconstruir essa ideia do retrato como o objetivo da fotografia, para isso, quero trazer o sujeito não mais como o sujeito principal da imagem, quero trazê-lo como parte do cenário fotografado. Este corpo habitando o espaço e participando como um todo dele, tornando o corpo e o lugar como um só.

Para que isso aconteça, inicialmente é necessário que esse corpo esteja entregue ao ambiente e ao momento. Despido de sentimentos, passado, críticas, pensamentos, dos padrões e, conseqüentemente, da identidade. Despido de tudo, ele se torna livre para habitar o espaço e participar como um todo dele. A alma transcende e faz com que corpo e lugar tornam-se um só. Magno (2014, p. 121), ao falar da complementariedade do interior e do exterior do corpo, fala que o corpo espírito inclui:

[...] os seus movimentos cinéticos e interiores, as suas reflexões, os seus pensamentos, a sua energia e possibilidades de transformações, a sua capacidade de aprender superar a si mesmo, o constante movimento da sua consciência, o seu inconsciente, o inconsciente coletivo, a sua imaginação, a sua memória, a sua vida interior, os seus conflitos, os seus paradoxos e também a sua criatividade poética.

Para que isso se torne visível, trarei a projeção para mostrar, poeticamente, essa ação de habitar. Pois ao projetar uma imagem num espaço, ela torna-se a parede. Não há nada no meio ou em volta que interfira, a imagem simplesmente ocupa a parede e a utiliza como morada por segundos. O corpo habita aquele espaço por completo, e assim, como diz Matesco (2009, p.37), “não se trata mais de um corpo visto, mas sentido”.

O corpo que comento aqui é o físico, esse corpo que se aproxima da cidade por ser casa, ser morada. Morada da alma. A cidade é a morada do corpo. O corpo habita a cidade, ou é a cidade que hoje, habita o corpo? Nós somos a cidade que vivemos e tudo que acontece a nossa volta tem consequência direta em nossas vidas, ou seja,

Não há fisionomia que não acolha uma paisagem desconhecida, não há paisagem que não desenvolva um rosto. Qual rosto jamais evocou o mar e a montanha, qual paisagem jamais remeteu ao rosto que completaria suas linhas e traços? Não haveria um momento em que se evidenciasse a semelhança mimética que se instaura entre o indivíduo e a cidade que ele habita? (PEIXOTO, 2004, p. 73)

Inicio minha pesquisa querendo descobrir o que o corpo e a cidade têm em comum e encontro a resposta ao sentir a cidade, ao me projetar nela. O que elas têm em comum é a vida ininterrupta. “Múltiplas são as complementaridades entre rosto e cidade.” (PEIXOTO, 2004, p. 73).

## 5 (SER)CENÁRIO 05: DESDOBRAMENTOS, JUSTAPOSIÇÕES E DEFORMAÇÕES DO PROCESSO CRIATIVO

Estou convencido de que as separações e os divórcios, a violência familiar, o excesso de canais a cabo, a falta de comunicação, a falta de desejo, a apatia, a depressão, os suicídios, as neuroses, os ataques de pânico, a obesidade, a tensão muscular, a insegurança, a hipocondria, o estresse e o sedentarismo são culpa dos arquitetos e incorporadores.  
(MEDIANERAS, 2011)

Minha produção deu-se como um processo cartográfico. Assumi uma posição autoral para que a pesquisa e a produção artística caminhassem juntas sem distinções. Ser(cenário): Redescobrir a cidade foi um processo de me auto conhecer e assim reconhecer a cidade contemporânea.

Centro e expressão de domínio sobre um território, sede do poder e da administração, lugar da produção de mitos e símbolos – não estariam estas características ainda presentes nas metrópoles contemporâneas? Cidades da era eletrônica, não seriam suas torres brilhantes de vidro e metal os centros de decisão dos destinos do Estado, país ou planeta? Não seriam seus *out-doors*, vitrinas e telas de TC os templos dos novos deuses? (ROLNIK, 2004, p.8)

Aqui entendo como cenário o lugar que recebe o sujeito a ser fotografado, seja algo natural ou algum espaço criado especialmente para a produção da imagem. Geralmente ao retratar, o fotógrafo pensa no entorno, no que irá aparecer ao fundo da imagem, na construção de um cenário específico que demonstre o que ele quer.

Nas últimas décadas do século XX, Segundo Pavis (1999, p.43), 'o cenário não só se liberta de sua função mimética, como também assume o espetáculo inteiro tornando-se seu motor interno'. O termo cenário é expandido para 'cenografia plástica, dispositivo cênico, máquina teatral, área de atuação ou objeto cênico'. Assim, há uma mudança na função do cenário: se antes ele era algo que apenas reforçava os dizeres do espetáculo teatral, a partir do século passado ele passa a funcionar como um texto, como um elemento que participa discursivamente e em conjunto com outros elementos da linguagem cênica. (CUNHA, 2014, p.207)

Em minha pesquisa, pretendo desmistificar essa ideia e trazer o corpo sendo o cenário, sem diferença entre um plano e outro, sem nenhum motivo principal em foco. Um ser sendo o cenário por completo, sem interferências, sem um se sobrepor ao outro, mas sim, ambos se complementando e se tornando um só. O cenário é o espaço que o corpo irá habitar. “A palavra “espaço” é utilizada

genericamente, enquanto “lugar” se refere a uma noção específica de espaço. Trata-se de um espaço particular, familiar, responsável pela construção de nossas raízes e nossas referências no mundo.” (CANTON, 2009, p.15). O corpo chega até ao espaço na tentativa de pertencer àquele lugar, transformando-o no cenário para sua corporeidade.

Quero redescobrir a cidade como um corpo que possui vida independente e que assim como o corpo, prende-se a regras e a estereótipos sem querer. O corpo e a cidade tornam-se descartáveis na medida em que vivemos uma vida rasa, imersos a situações cotidianas que passam despercebidas, abandonando a alma, o pensar e o ser. Abandonando espaços em que receberam vidas e diversos momentos. Deixando de lado as memórias e a história de uma família, de uma sociedade.

Cidade que hoje, com a arte contemporânea, é alvo de diversos artistas no intuito de desvendá-la, entendê-la. Trabalho difícil, pois estamos tão imersos a ela que muitas vezes ficamos cegos e nos tornamos ela.

A cidade não é um horizonte que se descortina aos nossos olhos. A arte contemporânea nasce do confronto com essa opacidade, em que o muro de concreto os prédios se assemelha ao chão de pedra das calçadas e o fosco das superfícies refletoras impedem qualquer transparência. [...] A metrópole é o paradigma da saturação. Contemplá-la leva a cegueira. Um olhar que não pode mais ver, colado contra o muro, deslocando-se pela sua superfície, submerso em seus despojos. (PEIXOTO, 2004, p. 175)

De início, ao sair pelas ruas da cidade de Torres/RS, não sabia exatamente o que eu encontraria e o que me chamaria realmente a atenção. Sai pedalando pela cidade e me deixando levar pela pesquisa, sentindo a cidade e sua civilização. Parafraseando Peixoto (2004, p. 101), a rua é como um dispositivo do olhar. Fui reencontrando os espaços, já citados no capítulo 03, e ao me deparar com eles me deparava também com o registro de uma sociedade que pouco ou nada se importa com sua história. Que deixa espaços, repletos de memórias, simplesmente a mercê do tempo. Que sociedade é essa que olha todos os dias esses espaços depredados, abandonados e continua vivendo a vida como se nada acontecesse? São pensamentos egoístas, focados apenas no seu dia a dia, sem olhar ao seu redor. Entorno que se encontra cada vez mais em abandono.

A arquitetura conta histórias. De uma época, de um momento, de uma família. De uma civilização que vivenciou e obteve experiências naqueles lugares. “A arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social”

(ROLNIK, 2004, p.18). Para onde vão essas histórias quando o seu cenário é largado? Quebrado? Invisível?

Que sociedade é essa que foca tanto na sua própria vida que esquece de ver os problemas que acontecem ao seu lado? Que esquece de ver que o corpo ao seu lado tem sentimentos e muitas vezes está tão imerso a essas regras impostas pela sociedade que acaba se sentindo incapaz de continuar? Sociedade que se submete a regras e acaba determinando a mesma em outros seres humanos. Torna-se um círculo de regras, de imposições, de julgamentos. Isso tudo tem resultado direto na vida, na cidade na medida em que deixa seus pensamentos e sentimentos de lado, a vida também fica. Os espaços cenários também são descartáveis.

Entendendo que o processo criativo “mostra-se, assim, como um ato permanente. Não é vinculado ao tempo de relógio, nem a espaços determinados. A criação é resultado de um estado de total adesão.” (SALLES, 2009, p. 36) A produção de arte parte da ideia de primeiro habitar e sentir o espaço, fazendo com que o sujeito se torne do espaço. Habite e seja o espaço acontecendo a união do ser e do cenário, trazendo uma vida nova para esses espaços cartografados pelo abandono. A partir do mapeamento cartográfico (imagem 07), vou criando rizomas que se cruzam e inter cruzam, justapondo um ao outro.

Minha produção acaba criando um caráter de justaposição, onde segundo o dicionário online<sup>13</sup>, justaposição é uma circunstância em que duas coisas estão dispostas de maneira a não haver nada que as separem. Além de se justaporem no mapa, utilizo a justaposição ao tentar unir corpo e cidade, ser e cenário sem separações. Entendendo que minha produção também pode ser compreendida como sobreposição<sup>14</sup> já que utilizo a projeção de imagem onde a mesma fica a cima da parede do prédio, sobrepondo a fotografia no lugar. Aqui prefiro utilizar o termo justaposição pois a parede e o prédio se tornarão a mesma coisa, sem distinção.

A pesquisa vai criando desdobramentos<sup>15</sup> e no caminhar ela vai se encaixando e se criando num gesto poético e contínuo. A fotografia iniciou principalmente como uma atividade de retrato do sujeito, ou seja, pretendo desmistificar essa ideia (retrato-sujeito-cenário) e trazer esse sujeito como

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/justaposicao/>

<sup>14</sup> Segundo o dicionário online, *sobrepor* significa “o que se coloca acima; o que se acrescenta; acrescentamento.” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sobreposicao/>

<sup>15</sup> Segundo o dicionário online, *desdobrar* significa desenvolver. Disponível em <https://www.dicio.com.br/desdobrar/>

participante do todo. O sujeito apresentado no e com o cenário e não representado ou representando nele.

Não por acaso o retrato era o principal tema das primeiras fotografias. Estas foram capazes de captar tecnicamente, por meio do claro-escuro, da transição contínua da sombra à luz mais clara, a aura que havia então em torno do olhar dos indivíduos. Tudo aquilo que transmitia uma sensação de plenitude. A aura acena pela última vez na expressão fugaz de um rosto, nas antigas fotos. É o que lhes dá sua beleza melancólica e incomparável. (PEIXOTO, 2004, p. 58).

Aonde encontra-se a aura<sup>16</sup> da fotografia quando o ‘ser’ principal do retrato se torna o espaço por completo, deixando de ser algo principal para se tornar o todo, a composição? Para que essa ideia de ser/cenário seja possível, utilizo a projeção de imagem, pois, com a projeção, a imagem se transpõe para a parede e se torna a própria parede.

As imagens projetadas são fotografias (imagens 32, 33, 34, 35, 36, 37) do corpo que habitará o espaço. Corpo este que, como comentado no capítulo 04, é o meu próprio corpo. Esse corpo, para poder tornar-se o espaço como um todo, precisa primeiramente se desfazer de tudo, de regras, de sentimentos, de vestimentas, da própria identidade. Esse corpo precisa estar livre para ser o cenário. A partir de então, começo a me focar na produção dessas fotografias.

Em um primeiro momento, realizo fotografias com a técnica da longa exposição (imagem 34), pois assim consigo fazer com que o meu rosto fique deformado, trazendo essa ideia da destituição da identidade. Esse é um dos motivos pelo qual o meu trabalho aproxima-se da *performance*, pois acabo me transformando em uma nova persona em minha produção, na qual não há nem passado nem futuro, apenas existe no presente. Assim, revisito algumas fotografias que já havia realizado na tentativa de aprofundar estudos e processos sobre a fotografia de longa exposição (imagens 25, 32 e 33).

---

<sup>16</sup> Segundo Walter Benjamin (1994, p. 170) aura é “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja”. O autor também comenta que “O outro elemento caracterizador da aura é a unicidade, que consiste no caráter único e tradicional da obra de arte. Seu fundamento está ligado ao valor de culto, à sacralização” (BENJAMIN, 1994, p. 171).

Imagem 32 – S/ título, 2016. Laura Goulart



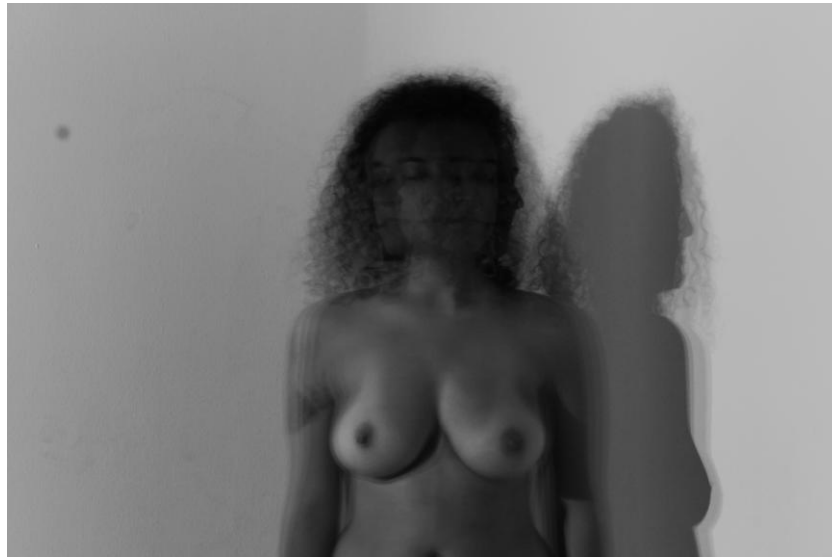
Fonte: Acervo da Pesquisadora

Imagem 33 – S/ título, 2016. Laura Goulart



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Imagem 34 – S/título, 2017. Laura Goulart



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em um segundo momento opto pela produção de fotografias nuas, apenas com um pano em minha cabeça (imagens 35, 36 e 37), na tentativa de esconder meu rosto e meu cabelo, algo que de longe já define o meu eu identitário aparente, Laura Goulart. No momento da fotografia não sou mais eu, e sim um corpo que está ali, livre de estereótipos e pensamentos, totalmente da fotografia, somente. “Nesse universo desprovido de alma, onde teria ido se refugiar o sagrado, senão nas coisas mais elementares do cotidiano? Transcendência que agora deriva de experiência...” (PEIXOTO, 2004, p. 57)

Após realizar as fotografias em estúdio fotográfico, troco o fundo por preto para que fique mais potente a ideia de que só o corpo ficará projetado na parede, já que as projeções serão realizadas a noite.

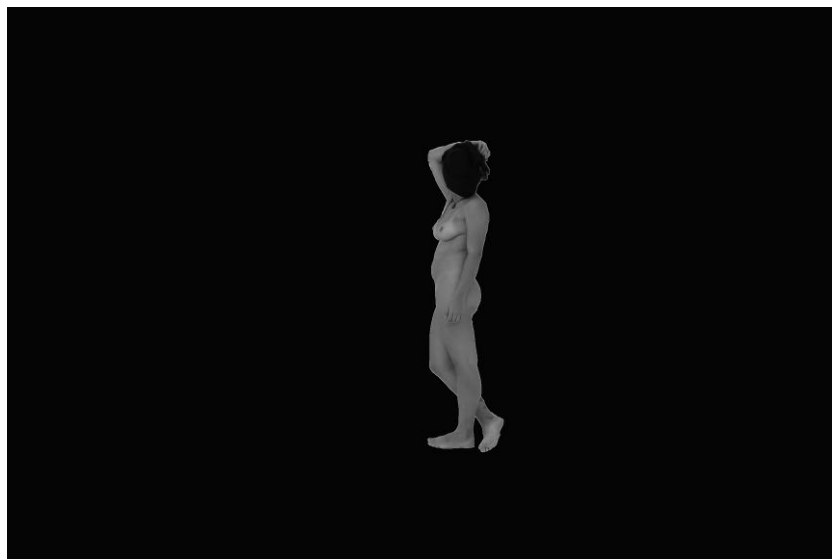


Imagem 35 – S/ título, 2017. Laura Goulart.



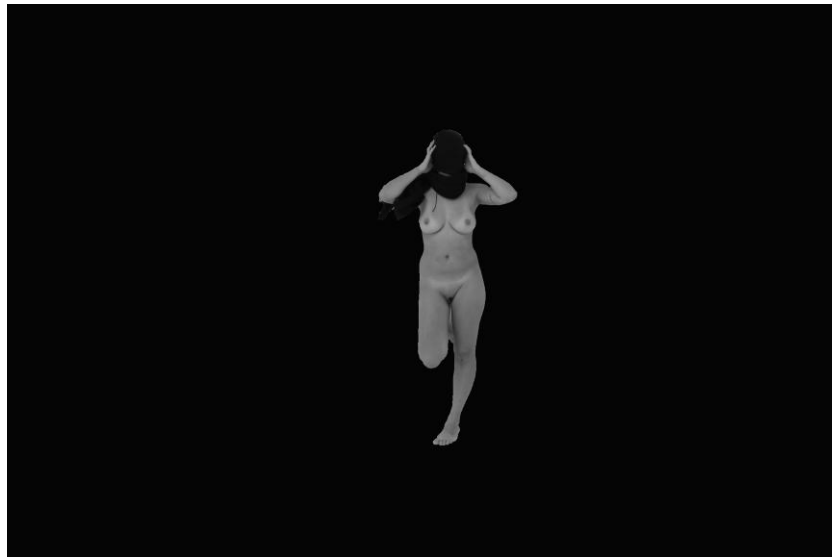
Fonte: Acervo da Pesquisadora

Imagem 36 – S/ título, 2017. Laura Goulart



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 37 – S/ título, 2017. Laura Goulart



Fonte: Acervo da Pesquisadora.

De início gostaria de habitar todos os espaços. Depois fui focando em alguns que me instigavam mais. Como utilizo recursos tecnológicos, preciso que no espaço tenha rede energizada, momento este em que me deparei com um grande obstáculo, pois como todos os espaços estão em estado de depredação, não há mais energia há muito tempo. Como projetar imagens nesses espaços se não tem como ligar o projetor? Durante a pesquisa, descobri que teria como criar um projetor caseiro, utilizando uma lupa, caixa de sapato e celular. Consegui uma lente de retroprojetor com um amigo e montei meu próprio projetor. Infelizmente, a imagem não ficou tão nítida e ampliada como eu imaginava. Acabei deixando a ideia de lado, visto que, foquei na construção de uma produção de imagem que não fosse precária.

Com isso me deparo com o fato de que precisaria de um projetor multimídia e energia elétrica nos locais para materializar a projeção. No decorrer da pesquisa, descobri que o professor Jeferson Luis de Azeredo, do curso de Artes Visuais da UNESC – ao qual devo muito da minha produção a ele – tinha um equipamento de projeção. Entrei em contato com ele e o mesmo se prontificou a emprestá-lo sem hesitar e sem cobrar nada. A partir daí achei uma “luz no fim do túnel” e iniciei o processo de descobrir qual o prédio que eu iria habitar com a projeção.

Enquanto eu estava indo atrás dos registros e história dos espaços, percebo que um amigo, Rorian Freitas, morava ao lado de um dos prédios que mais

me instigaram esteticamente. Assim, começo a me focar principalmente no prédio número sete (imagem 19), pois poderia utilizar a energia da casa dele para ligar os equipamentos e assim realizar a projeção da imagem produzida em estúdio.

O prédio foi abandonado pela antiga proprietária há muitos anos. Ele nunca foi habitado, pois foi deixado de lado enquanto ainda se encontrava em construção. Na década de 50, quando já estava quase finalizado, a construção foi cancelada por estar fora das regras de construção de prédios daquela época em Torres. A proprietária – conhecida apenas por Dona Berta - acabou desistindo de finalizá-lo e o abandonou. Na época ele foi abandonado com azulejos valiosos que participavam dos banheiros dos apartamentos, logo após seu abandono foi ocupado por moradores de rua que acabaram depredando as paredes na tentativa de retirar esses azulejos. Hoje restam apenas as paredes em cimento e alguns resquícios de azulejos. Com o tempo o prédio foi cercado, cerca que também abrange o pátio do meu amigo Rorian – mesmo o território do prédio não sendo dele – até hoje não apareceu nenhum proprietário do local.

Meu corpo trouxe vida a esse local. Habitou o espaço e assim (re)criou sua própria história em um cenário que só restavam ausências. “A arte na cidade contemporânea só pode aludir ao que ali nos escapa, ao que ali não tem lugar. (...) fotografar o invisível, o que não tem registro, o que não se pode reter. Deter ausências.” (PEIXOTO, 2004, p. 51). Com isso, dou início às tentativas de projeção no prédio.

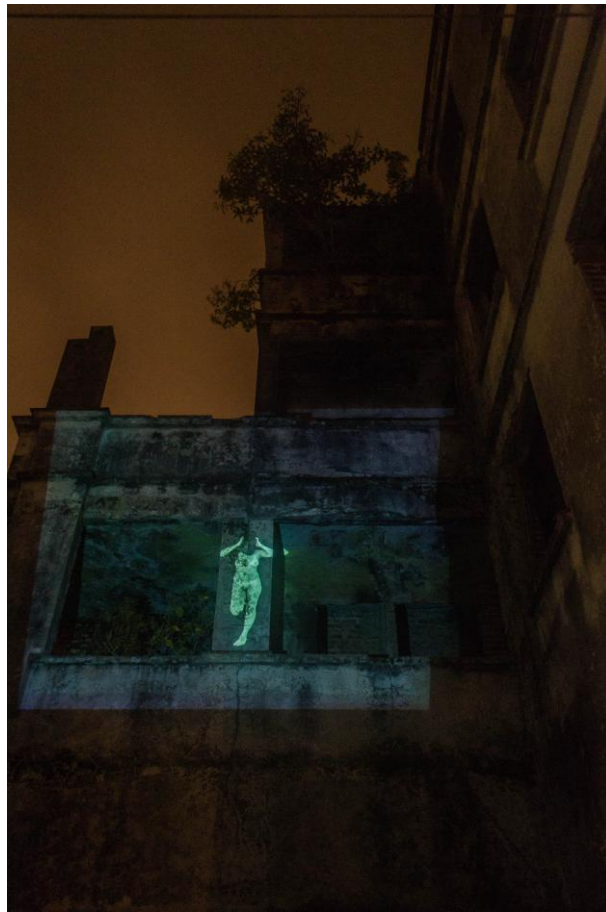
Imagem 38 – Vista do sétimo espaço a partir da casa do Rorian



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A projeção deste corpo se deu nesse prédio que tem uma estética única de abandono, depredado. Há um matagal que só cresce e com isso participa do prédio. A natureza fez sua morada em meio aquele concreto. Não teria como ser em um lugar melhor. Percebi que muito do que pesquiso está ali, implícito: a deformação da paisagem natural, a capacidade de adaptação da natureza quando a mesma se molda ao prédio, o retrato da sociedade descartável que mora naquela cidade, o vazio visível em cada pedaço daquele prédio. “A metrópole, esse local desprovido de situação, sem medida nem limites, pode justamente ser o lugar do acontecimento. Algo se dá ali, algo que só poderia ocorrer na noite da cidade, uma paisagem inexprimível”. (PEIXOTO, 2004, p 53)

Imagem 39 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 40 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart



Fonte: Acervo da pesquisadora.



Imagem 41 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 42 – Ser(cenário), 2017. Laura Goulart



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 43 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart



Fonte: Acervo da pesquisadora.

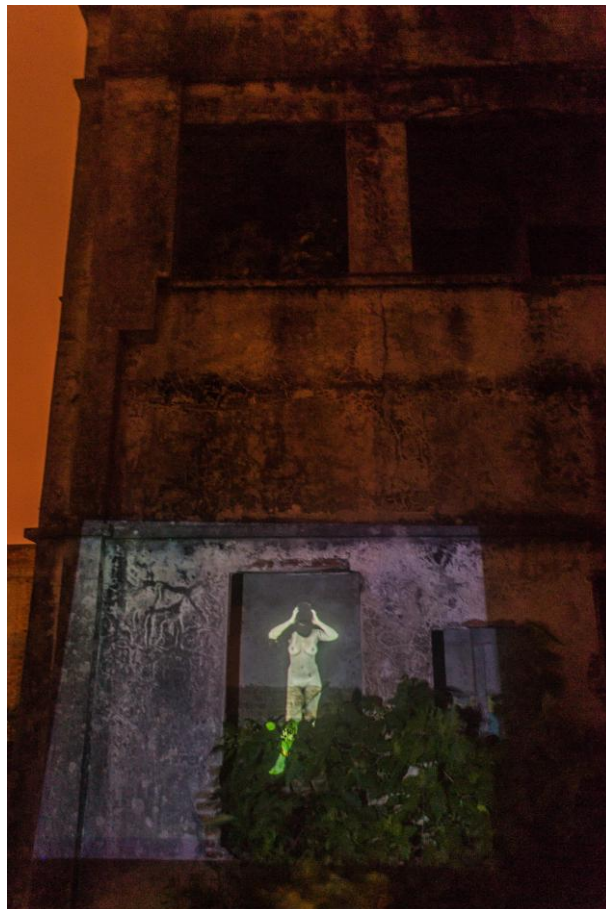


Imagem 44 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 45 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart



Fonte: Acervo da pesquisadora.



Imagem 46 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 47 - Ser(cenário), 2017. Laura Goulart



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A arte contemporânea nos dá a possibilidade de hibridização de temas, técnicas e suportes, assim me deparo com o termo *fotoperformance*<sup>17</sup> em que seria a ação da performance feita para ser documentada onde o mesmo ainda é muito discutido pois, se pararmos para pensar, são duas linguagens diferentes uma da outra que acabam se agrupando em um único termo. Segundo Auslander (2012, p 17), com a fotografia da performance, espaço do documento (seja visual ou audiovisual) então se torna o único espaço no qual a performance ocorre.

A fotografia congela o momento, registra uma cena, torna um segundo em eterno. A performance é a arte efêmera, na qual o artista utiliza do corpo como suporte principal para a sua produção, ela acontece num instante apenas, sem repetição. “O trabalho do artista de performance é basicamente um trabalho humanista, visando libertar o homem de suas amarras condicionantes, e a arte, dos lugares comuns impostos pelo sistema”. (COHEN, 2011, p. 45). A fotoperformance, é uma contaminação onde não existe só um ou outro, e sim a junção das duas técnicas resultando numa terceira. Esses registros têm como:

<sup>17</sup> [...] nessa linguagem que chamamos de fotoperformance, a performance perde esse caráter de contato, se distancia do público para confundir ainda mais o processo fotográfico, ao mesmo tempo que lhe reforça o caráter ficcional, ela traz a potência do corpo que vivencia, que experimenta, e já é a priori fictícia, uma vez que esta experiência é artificialmente disparada. (PAOLIELLO, 2016, p.52)

Uma das características presentes tanto nesses vídeos quanto nas fotografias é o aspecto performativo que eles engendram, através das ações empreendidas pelo artista diante da câmera, instaurando seu próprio corpo como matéria artística, eleito, muitas vezes, como lugar de desdobramento das categorias escultura e pintura (MELIN, 2008, p. 49).

A fotógrafa Francesca Woodman (imagem 23), que utilizo como principal referência artística para minhas produções, também trabalha com a ação feita para a câmera

[...] Francesca Woodman, que também trabalhava com aderência de si mesma como objeto de arte, numa série de ações performáticas endereçadas a fotografia [...] a artista se fotografava em casas parcialmente destruídas ou abandonadas, explorando a natureza e a pertinência de sua auto representação como forma de conveniência (porque seu corpo era, sem dúvida, uma matéria sempre a disposição) (MELIN, 2008, p.53)

Em termos de linguagem, minha produção transita entre fotografia, performance e instalação. Fotografia, pois, utilizo dela para a projeção e para registrar a produção. Performance, quando utilizo do meu corpo como objeto de trabalho e me entrego total para o momento da produção, que é efêmera. Instalação porque ocupo, através de equipamentos, o espaço. Com isso, prefiro não definir em qual suporte ele se encaixa. Quero e pretendo deixá-la apenas ser, livre de definições e territórios. No máximo, posso dizer que sou uma artista que utiliza do corpo e da imagem, e que, neste trabalho, minha *performance* tem um único espectador: o obturador da câmera. O resultado final é uma fotografia.

Não há nenhuma expectativa de desvelar o significado das coisas. Esse invisível permanecerá para sempre inacessível. A fotografia em nada contribui para incrementar nossa capacidade de ver, de saber o que aconteceu. Todo o trabalho consiste numa investigação sobre os efeitos do tempo, do esquecimento, na memória registrada pela fotografia. (PEIXOTO, 2004, p. 131)

Já que minha produção é efêmera, só aconteceu no momento da projeção, a obra final é o registro desse momento, entendendo que:

O registro que duplica o processo funciona como testemunho que desloca e ressignifica a origem, distingue e condensa as diferentes figuras do trabalho efêmero. A ação coloca corpos em relação, mas a imagem mostra o trabalho da ausência dos corpos. (COSTA, 2014, p. 42)



Trago o registro na tentativa de mostrar que minha produção é atemporal e acredito que assim como a cartografia, não tem um ponto final e tampouco é linear. COSTA (2014, p. 54) comenta que o que se “experimenta na figura da memória na arte contemporânea é a sensação de alguma continuidade no tempo, alguma ampliação do espaço vivido”.

Com o registro a obra tem a possibilidade de continuar através do tempo e do esquecimento. Assim ela fica aberta a novos significados, novos olhares.

São modos de a obra se desdobrar, de deslocar e produzir condensações de figuras e de significações do real que retorna. A obra inscreve suas visibilidades em corpos, espaços naturais, objetos cotidianos, mas também em partituras e registros. A partitura, o evento e o registro tomam a obra sob perspectiva de funções e relações de visibilidades variadas. (COSTA, 2014, p.44)

Para a Coletiva de Trabalho de Conclusão de Curso, apresentarei o registro da projeção impressa em lambe-lambe, na tentativa de trazer um pouco da estética da rua para a galeria. Já que o cartaz lambe-lambe é um tipo de comunicação visual das cidades e é utilizado principalmente por ser de baixo custo. Uma forma que os cidadãos da cidade encontraram para evidenciar assuntos poéticos, críticos e artísticos mais próximo do cotidiano. Geralmente tem a ideia de fazer com que o transeunte pare e olhe para o pedaço de papel que está colado no muro, poste, ou qualquer outra parte pouco vista da cidade e assim saia da zona de conforto. A cola é confeccionada com polvilho ou farinha de trigo, mistura-se farinha e água e coloca os ingredientes para ferver. Nessa fervura cria-se um grude, uma cola bem forte.

Pôster lambe-lambe ou poster-bomber é um cartaz artístico de tamanho variado que é colado em espaços públicos [...] Geralmente é colado com cola de polvilho ou de farinha, devido ao custo reduzido do material adesivo. O pôster lambe-lambe faz parte das linguagens da arte urbana contemporânea [...] Uma das formas mais antigas de intervenção urbana, os lambes são utilizados nos meios urbanos com o intuito de transmitir ideias, divulgar ações, defender causas ou fazer protestos. Possui, então, o histórico de utilização para fins contestatórios e utiliza as técnicas para confecção e materiais que possibilitam a produção com baixo custo. (MARTINS, 2015, p.109)

Com isso, pretendo trazê-lo colado em um tapume dentro da galeria no anseio de trazer um pouco do aspecto urbano para a exposição, na tentativa de romper com a imagem concreta que se tem do “cubo branco”. Assim a cidade irá habitar o local.

A impressão da fotografia foi feita em papel de outdoor, melhor para a aplicação da cola de lambe-lambe. Por ser nesse papel, a imagem fica mais nítida se vista de longe. De um lado foi colada uma fotografia no tamanho de 110x165 cm, do outro lado foram impressas três fotografias do tamanho 29,7x42 cm.

Imagem 48 - Registro da produção final exposta na Coletiva de Trabalhos de Conclusão de Curso



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Imagem 49 - Registro da produção final exposta na Coletiva de Trabalhos de Conclusão de Curso



Fonte: Acervo da Pesquisadora

## 6 (SER)CENÁRIO 06: REFLEXÕES FINAIS

Esses males,  
exceto o suicídio,  
todos me acometem.  
(MEDIANERAS, 2011)

Ao finalizar minha pesquisa que tinha como problema “como meu corpo sujeito pode ser integrado ao espaço/cenário urbano como arte? ”, concluo que através da projeção meu corpo conseguiu residir o espaço abandonado. Além da projeção, meu corpo habitou e sentiu todos os espaços primeiramente mapeados dessa pesquisa e de alguma forma habitou e integrou-se ao espaço, criando novas memórias.

A partir das minhas questões norteadoras, que foram: o que o corpo e a cidade têm em comum? Onde ambos se encontram e se dispersam? Como transformá-los em um ser/objeto único? Há a possibilidade de o corpo deixar de ser o sujeito principal da fotografia e passar a participar do cenário como um todo? Qual a relação do espaço com o corpo que já vivenciou o lugar, hoje abandonado? Como (re)habitar os espaços abandonados da cidade, trazendo vida a eles? Percebo que de alguma forma consegui desvenda-las, seja encontrando o ponto de encontro da cidade e do corpo, seja abrindo-as para mais questões.

A pesquisa se desdobra e toma rumos que nem eu mesma percebi. Vejo minha escrita um pouco dura e concisa, porque a senti e vivi como vivo a cidade e a sua movimentação, escura como as ruas da cidade, como as veias do corpo. Meu corpo foi a produção e se transmutou para um corpo que já não é só mais esse corpo físico, mas um corpo movido às situações diárias, ao espaço que habita, ao todo a sua volta e à poética. Ele sentiu e foi a cidade, experienciou e se tornou o espaço, o cenário.

Corpo e cidades são conceitos que estão unidos, em convergência. Um depende do outro. A cidade criou sua própria vida paralela e o corpo físico é que acaba se habituando a ela, a seus movimentos, a seus defeitos e a sua velocidade.

Ao chegar no fim, fico com o desejo e com a necessidade de continuar. Devido aos obstáculos que encontrei no meio do percurso, acabei não conseguindo habitar todos os espaços em abandono. Também acabei encontrando outros que tive o desejo de habitá-los. Minha pesquisa transformou-se na transmutação do meu corpo para a arte. Foi uma atividade de se autoconhecer, conhecer meu corpo, deixá-lo livre para se tornar um objeto da arte. Redescobri aspectos da cidade

contemporânea. Revivi diversos sentimentos e angústias que me instigam a continuar investigando a paisagem da cidade.

O que importa aqui não é um fim, pois não houve um começo. O que importa foi a experiência que meu corpo teve no decorrer, nas deformações da pesquisa, nos desvios e nos acertos. Só o fato de ser uma escrita cartográfica, aberta, sem regras lineares e duras já é relevante, pois deixei de ter preconceitos, de seguir regras. Meu corpo deixou de se importar com isso. A cidade e o meu corpo foram o objeto de arte, juntos se tornaram um só.

O retrato do meu corpo não foi o retrato de um sujeito, foi o retrato de um corpo físico livre de vestimentas, identidade, experiência, saudade, pensamentos. Foi o retrato de um corpo que vivenciou e se moldou ao espaço. Que foi o cenário, que sentiu o abandono. Corpo e cidade confluíram-se numa atividade poética na busca de desvendar ambos, de se abrir para novos caminhos.

Entre interferir no espaço e se deixar senti-lo, o corpo residiu o cenário, a imagem que se teve foi uma imagem empírica que trouxe todas as questões de abandono e de vazio nela. A cidade contemporânea, cinza, sólida e incômoda, se transpôs na produção final.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marinella Machado, BORGES (Michele de Abreu Arroyo, VIEGAS (Vanessa da Cássica Viegas (orgs) Aplicação da legislação nacional sobre proteção do patrimônio cultural: interpretação à luz das Cartas de Preservação Internacionais. *In*: FERNANDES, Edésio; RUGANI, Jurema M. (orgs) **Cidade, memória e legislação: a preservação do patrimônio na perspectiva do direito urbanístico**. Belo Horizonte: Instituto de Arquitetos do Brasil (MG), 2002. p.29 a 50

AUSLANDER, Philip. **A performatividade da documentação da performance**. Hay em português? Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. V. 2, p. 17-22. Abril/jun. 2012.

BACHELARD, Gaston; DANESI, Antônio de Pádua. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 242 p.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 71 p.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 176 p.

COSTA, Luiz Cláudio da. **A gravidade da imagem: arte e memória na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Faperj, 2014. 200 p.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Imagens como pedagogias culturais em cenários da educação infantil. MARTINS, Raimundo. TOURINHO, Irene. (orgs). Pedagogias culturais. Santa Maria: USFM, 2014, p.199-224

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 01. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 03. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

FÉRES, Luciana Rocha. A evolução da legislação brasileira referente à proteção do patrimônio cultural. *In*: FERNANDES, Edésio; RUGANI, Jurema M. (orgs) **Cidade, memória e legislação: a preservação do patrimônio na perspectiva do direito urbanístico**. Belo Horizonte: Instituto de Arquitetos do Brasil (MG), 2002. p.15 a 28

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: 2001, DP&A

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**, 2002. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em 25 de Janeiro 2017.



MAGNO, Mariane. O movimento poético: corpo da consciência paradoxal. *In*: TAVARES, Enéias Farias; BIANCALANA, Gisela Reis; MAGNO, Mariane. (orgs) **Discursos do corpo na arte**. Santa Maria: UFSM, 2014, p.113 – 144.

MARTINS, Vivian Suarez. **Expressões visuais em intervenções urbanas**: design gráfico, ativismo e manifestação social. 2015. 188 p. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo. Disponível em <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2934243](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2934243)> Acesso em: 19 maio 2017.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. **Pensar o corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 239 p.

MATESCO, Viviane. **Corpo, imagem e representação**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009. 62 p.

**MEDIANERAS**: Buenos Aires na Era do Amor Virtual. Direção: Gustavo Taretto. Argentina: Imovision, 2011. 1 filme (95min): NTSC, son., color. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8ja-vEbiY1c>. Acesso em: 25 abril 2017.

MELIN, Regina. **Performance nas artes visuais**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008, p.74.

PAOLIELLO, Daniela Tavares. **Corpo em queda**: o perder-se como potência criativa. 2016. 105 f. Dissertação (Mestrado em Artes), Linha de Pesquisa: Processos Artísticos Contemporâneos. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3712119](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3712119)> Acesso em: 31 maio 2017.

PASSOS, E.; BARROS, R.B. A cartografia como método de pesquisa intervenção. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207p.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. 3. ed. rev. e amp São Paulo: SENAC/SP, 2004. 436 p.

PIRES, Maria Coeli Simões. Cidade e Cultura - Recíprocas interferências e suas representações. *In*: FERNANDES, Edésio; RUGANI, Jurema M. (orgs) **Cidade, memória e legislação: a preservação do patrimônio na perspectiva do direito urbanístico**. Belo Horizonte: Instituto de Arquitetos do Brasil (MG), 2002. p.141 a 158.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 4. ed São Paulo: Brasiliense, 2012. 100 p.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 4. Ed. São Paulo: Annablume, 2009. 171 p.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.